

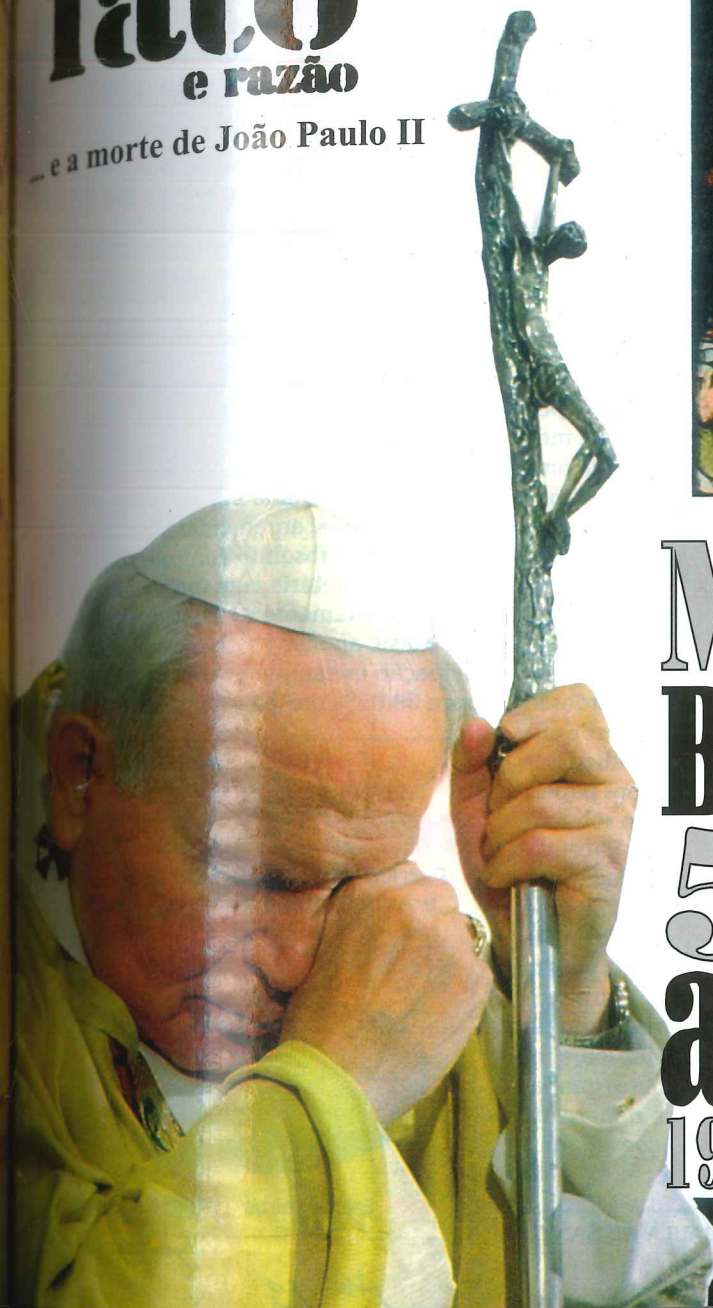
Neste número:

**Fome tem pressa
Meu lado mulher
Sexualidade do adolescente
Fome Zero Mundial
É virtual?
Erotização da infância
O necessário e o essencial
Planejamento familiar
Não fique tão sério
Trabalho infantil
Movimentos e Pastorais
Separações, motivos psicológicos
Carta a um drogado
Um novo conceito de família
Um novo Concílio?
A solidão amiga
O poder da palavra
Paradoxos
O churrasco
Maridos necessitam de cuidados
Flora, seiva de vida
Vi na TV
Desabafo
Teologia do suficiente
Por uma nova política de drogas?
Como vai a família?
Como ser família hoje?
A nova mamãe
A língua do P**

58

**fato
e razão**

... e a morte de João Paulo II



**MIFC
Brasil
50
anos
1955-2005**



Conversando com o leitor

Com este número, amigo leitor, Fato e Razão comemora 30 anos de vida fecunda. A alegria desse aniversário foi abalada pela despedida de Beatriz Reis que integrou a Equipe de Redação desde o seu lançamento em 1975. Foi ao encontro de José Reis que havia partido antes, agora juntos para a vida em plenitude.

Nestes mesmos dias, o Movimento Familiar Cristão celebra seus 50 anos no Brasil. O MFC já existia no Uruguai, desde 1950. Surgiu entre nós do encontro de casais uruguaios com casais brasileiros, no Congresso Eucarístico Internacional de 1955, realizado no Rio de Janeiro, e logo se estendeu pelo país. Meio século depois, congrega oito mil famílias em dezoito estados. Fato e Razão nasceu da teimosia de alguns membros do MFC que não aceitaram as conclusões de um cuidadoso estudo de viabilidade realizado no início dos anos 70. Nele estava demonstrada a impossibilidade de se sustentar uma publicação dessa natureza, fadada portanto ao fracasso se lançada pelo MFC.

Alguém lembrou então que havia estudos comprovando cientificamente a impossibilidade de um besouro voar, em vista do seu peso e tamanho de suas asas desajeitadas. Mas como o besouro não conhece esses estudos, levanta vôo... e voa. Até com certa elegância. Com esse argumento, Fato e Razão apareceu de surpresa e não parou mais de voar. São 30 anos a celebrar, caro leitor. Graças ao seu apoio e incentivo. Comemore conosco.

H. & S. A.

fato e razão

Movimento Familiar Cristão
Conselho Diretor Nacional
Página: www.mfc.org.br

Mozart e Geralda (Didi) Carvalho
Luiz Martins dos Santos
José Américo e Maria Marlete Sá
Vando e Neuzemi Maria Oliveira
Francisco e Laura de Souza
Maria Sebastiana (Sebá) Leão

Equipe de Redação
José e Beatriz Reis, in memoria
Helio e Selma Amorim
R. Des. Saul Gusmão 80 - VIII
22541-280 Rio de Janeiro - RJ
E-mail: helioamorim@globo.com

Distribuidora Fato e Razão
Atendimento Assinaturas
Rua S. João, 25 - sobre-loja
24020-040 Niterói - RJ
Tel/fax (21) 2629-7163
E-mail: fatorazao@primyl.com.br

Livraria do MFC
Pedidos de Publicações MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68
13010-520 Juiz de Fora - MG
Tel. (32) 3214-2952
E-mail: livraria.mfc@acessa.com

Fotolitos e impressão
Primyl Artes Gráficas
Rua S. João, 25 - slj
24020-040 Niterói - RJ
Tel. (21) 2722-3776 2621-5278 Fax
(21) 2722-3777

Capa
João Paulo II em foto de Pier Paolo
Olivieri. Agradecimentos de Fato e
Razão.

58

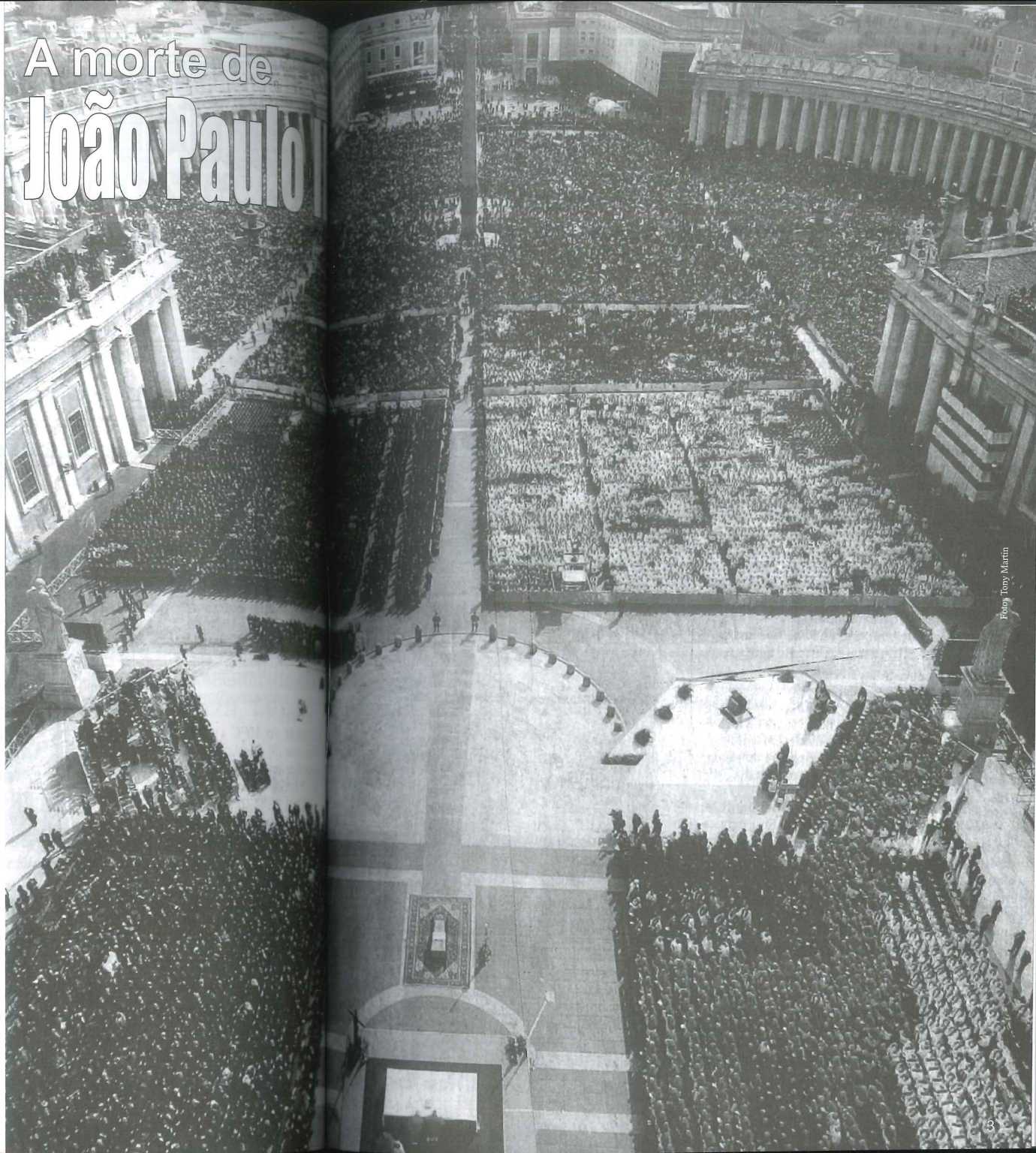
Sumário

A morte de João Paulo II, 2 Redação
Apartheid ao quadrado, 4 Editorial
E Deus nisso tudo? 7 Leonardo Boff
Dorothy, 10 Helio e Selma Amorim
Que vontade de chorar, 13 Rubem Alves
Chacina brutal, 17 Redação
Ratzinger é Bento XVI, 19
O desarmamento continua, 21
Herança de um papa e do papado, 22
Marcelo Barros
Por que os casais se separam? 26
Deonira L. Viganó La Rosa
Beatriz Reis, 29
Flora, seiva da vida, 31
Os novos deuses da opulência, 32
Frei Betto
Fé e Política, 35 Patrus Ananias
Racismo... sem racistas, 37
Helio Amorim
Não fique tão sério, 40
Os fins justificam os meios? 44
Israel Gomy
Os fotógrafos, 47
Ser casal é coisa nova, 48
Deonira L. Viganó La Rosa
Revolução feminina, uma nova agenda, 51
Marcelo Barros e Arcelina Helena
Tenho medo, 53 Rubem Alves
Consumismo, a nova religião, 56
Pequenos gestos, 59
Aprendendo nas quedas, 60
Amar, uma estranha aventura, 62
Pr. Márcio Rosa
Relações inter-pessoais e saúde, 64
Deonira L. Viganó La Rosa
O sagrado e a palavra, 66 Marcos Rolim
Fome, 68
Segurança pública é suprapartidária, 70
Maria Clara Luchetti Bingemer
O sonho de Karina, 73
Ser de esquerda, 74 Emir Sader
TV atrevida, 76 Pe. Zezinho
Instrumento idiotizante, 78 Redação
A mentira, 80

Data desta edição: abril 2005

Foi o acontecimento de maior repercussão mundial da história contemporânea. Dois milhões de estrangeiros foram a Roma, juntando-se a outros tantos italianos em filas gigantescas nunca vistas para estar alguns minutos perto do corpo do papa. João Paulo II governou a Igreja por 26 anos, lutando bravamente por muito tempo contra a enfermidade que aos poucos o venceu. Ao sepultamento compareceram reis e rainhas, presidentes e chefes de estado de mais de cem países, os líderes de todas as grandes religiões, para render homenagem ao papa que correu mundo, beijando o solo de cada país visitado, reunindo multidões, em contato pessoal carinhoso com pessoas e famílias de todos os estratos sociais, abraçando autoridades ou repreendendo políticos por mau comportamento, rompendo o tradicional isolamento do papado nos gabinetes e aposentos do Vaticano. Este estilo de papado onipresente pelas praças do mundo, associado ao carisma pessoal de João Paulo, mobilizou como nunca antes toda a mídia internacional, por quase três décadas. Esta foto registra para a história a comoção mundial provocada pela morte de um papa que conquistou corações e mentes, cultivou o diálogo com outras religiões, condenou guerras pediu perdão pelos erros da Igreja no passado, sem conseguir abrandar o rigor doutrinário fundamentalista da Cúria Romana no trato de questões mal resolvidas na vida da Igreja, tarefa que deixa para o seu sucessor.

A morte de João Paulo II



Apartheid ao quadrado

A intenção é boa. Levar à universidade pública alunos formados em escolas de segundo grau também públicas, com cotas para pobres e negros que dela estão quase ausentes. Uma política justa de inclusão para começar a pagar uma descomunal dívida social. Mas o resultado é ruim. A falta de base pela baixa qualidade do ensino público de nível médio, impede o aluno de acompanhar o currículo universitário no seu ritmo obrigatório.

Numa das universidades públicas do RJ, o levantamento do primeiro ano dessa prática mostra a reprovação maciça. Em treze cursos, a maior média dos "cotistas" foi inferior à menor média dos demais alunos. Essa linha divisória marca claramente a brutal diferença de classes sociais. A repetência não ajuda a recuperar a debilidade do ensino médio. O "cotista" acaba por desistir e abandona o curso. Nas turmas, passam a formar um contingente logo identificado, incômodo para os professores e demais alunos, por retardar o desenvolvimento das matérias.

Turmas excessivamente heterogêneas são um martírio para o professor. O grupo que atrasa o trabalho da turma começa a ser rejeitado, apartado, "culpado" pelo mal desempenho do conjunto. Institui-se um "apartheid" elevado ao quadrado: "são pobres ou negros e cotistas incapazes", dizem ou pensam os colegas que lá estão por terem se formado em caras escolas particulares. Frequentaram caríssimos cursinhos pré-vestibulares, sem precisar trabalhar para se manter e muitos deles têm carro estacionado no campus, presente do papai por ter passado no vestibular. Trata-se de uma competição desleal que na universidade se torna mais evidente, e historicamente se reproduz no mercado de trabalho. Deveria ser passível de denúncia aos órgãos de defesa econômica que controlam cartéis e penalizam a concorrência desleal no mercado...

Uma reforma universitária já rascunhada enfrenta esse desnível de forma torta. Pretende introduzir na universidade um ciclo básico multidisciplinar de dois anos para todos os alunos, com o título de "Estudos Universitários Gerais", incluindo compreensão de textos, expressão oral e escrita e conceitos de ciência em geral. Em suma, uma tentativa de recuperar o segundo grau e nivelar os alunos para enfrentarem o curso escolhido. Dois anos se acrescentarão assim à formação universitária, com enorme aumento de custos por aluno.

A reforma projetada consolida esse sistema de cotas:

50% para alunos oriundos do segundo grau das escolas públicas, dividido esse número de vagas entre negros, índios e brancos na proporção da população local apurada no último censo do IBGE, independentemente de notas no vestibular. Esses alunos também terão facilidades nas avaliações de provas para reduzir reprovações.

Ora, salvo melhor juízo, como dirão futuros advogados, parece equivocado esse caminho para colocar os pobres nas universidades, à custa de

facilidades que produzirão profissionais de segunda classe e desempregados de terceiro grau na competição selvagem de postos de trabalho.

Hoje é uma ilusão imaginar que o diploma universitário seja um passaporte para bons empregos. O mercado de trabalho mudou muito nos últimos anos e assim será no futuro. Uma enorme variedade de cursos de formação profissional se oferece a quem se forma bem no segundo grau. Nas diversas especialidades do vasto mundo da informática, no manejo de sistemas

de automação industrial, no campo da preservação de meio ambiente, ou em variadas atividades envolvidas em agro-negócios há enorme demanda de profissionais, para os quais o diploma maior é dispensável. Em menos tempo o profissional estará pronto para o mercado de trabalho.

Se conquista um bom emprego de nível médio, pode continuar estudando nos horários livres, seja em cursos de aperfeiçoamento na profissão escolhida, seja na busca de formação em ciências humanas, letras, artes, música... desde que a formação num segundo grau de qualidade tenha sido conquistada.



Tomás Bersch

É nesse nível escolar que devem ser aplicados recursos generosos. É o "calcanhar de Aquiles" do nosso contingente de desempregados destes tempos difíceis. Bons profissionais de nível médio têm hoje melhores oportunidades de trabalho e podem em qualquer tempo decidir-se pela formação universitária, já então como resposta a uma vocação madura, não mais premidos pela urgência desse caminho como se fora o único e melhor para o acesso ao mercado.

Se os recursos que a reforma universitária exigirá para alimentar o pretendido "ciclo de nivelamento" de dois anos forem aplicados no ensino público de nível médio serão dispensáveis cotas e facilidades para alunos pobres. Estarão competindo e progredindo normalmente nos cursos universitários, se esta for a sua escolha, em resposta a uma vocação especial.

O que, sim, poderia ser estabelecido, seria a revogação da gratuidade nas universidades públicas para alunos de classes sociais abastadas ou das classes médias que puderam pagar cursos caros de segundo grau. Reduziria a ocupação de vagas por quem não

precisa estudar de graça, ampliando vagas para quem delas precisa mais. Um sistema justo estabeleceria diversidade de preços em função da renda familiar, variando da gratuidade aos preços das melhores universidades particulares.

Esta seria, de fato, uma política afirmativa de justiça e inclusão social, contra a qual as classes privilegiadas promoveriam greves e passeatas, naturalmente. Logo se conformariam com a realidade, aceitando as facilidades das linhas de crédito educativo que transferem para o profissional formado e finalmente empregado o encargo de pagar o preço da sua formação em módicas prestações, a longo prazo, com o dinheiro do próprio salário. Assim se faz mundo afora.

Acabariam as justas queixas de muitos reitores, sem verbas sequer para pagar as contas de luz e água, vivendo sob a ameaça de vexatórios cortes de fornecimento de energia, com sanitários interditados por falta d'água, pesquisas suspensas por falta de manutenção de equipamentos e instrumentos, um quadro de fêlência que deve ser revertido.



Atsunami que matou de repente 260 mil pessoas segue provocando profundos questionamentos entre os crentes. Que se perguntam:

"E Deus nisso tudo?"

Leonardo Boff

"Os homens gastam-se tanto em palavras que não podem entender o silêncio de Deus. Não te deixes dilacerar entre o ontem e o amanhã. Vive sempre e apenas o hoje de Deus." (Dom Hélder Câmara).

Face à convulsão elementar da natureza no sudeste asiático com milhões de vítimas, especialmente de inocentes, não são poucos que, angustiados, se perguntam:

E Deus nisso tudo? Ele não é bom e onipotente como anunciam as religiões? Se é onipotente, pode tudo. Se pode tudo por que não evitou o maremoto? Se não o evitou, é sinal de que ou não é onipotente ou não é bom. Como disse um poeta-cantador: se é para desfazer, por que é que fez?

Desde que o ser humano discerniu a presença de Deus no universo e em sua vida esta contradição representa uma chaga aberta. Os teólogos cristãos inventaram a teodicéia, vale dizer, a argumentação que procura isentar Deus das desgraças do mundo e ainda esclarecer o sofrimento. E fracassaram rotundamente, porque esclarecer o sofrimento não acaba com ele, assim como ler receitas culinárias não faz matar a fome.

Dai entendemos a contundência de Jó, o eterno protestante, contra todos os seus "amigos" (e aí incluo a mim como teólogo e todas as religiões) que lhe queriam explicar o sentido da dor: "Vós não sois senão charlatães e médicos de mentiras. Se ao menos vos calásseis, as pessoas tomar-vos-iam por sábios". E continuamos a não nos calar....

Face a esta situação dilaceradora podemos alimentar, penso eu, três atitudes: de **revolta**, de **resignação** e de **esperança** contra todo absurdo.

Revolta

A revolta se expressa por uma negação. Muitos dizem: Deus não existe. E se existir, é inaceitável, pois teríamos mais perguntas a fazer a Ele do que Ele a nós. Eu me recuso eternamente a aceitar uma criação de Deus na qual as crianças tenham que sofrer inocentemente. Este questionamento é compreensível e lógico. Mas ele não elimina o mal, pois este continua. Críticos, perguntamos: a razão é tudo? Deus pode ser aquilo que não podemos entender.

Resignação

Se a revolta não responde, talvez a resignação. Esta realisticamente constata: a realidade é feita de bem e mal. É ilusório buscar a superação do mal, pois bem e mal vêm sempre juntos como a luz e a sombra. Sabedoria é buscar o equilíbrio e a aprender a viver sem uma esperança final. Freud e os sábios do Primeiro Testamento aconselham: "aceita o princípio de realidade, modera o princípio do desejo; acolhe o que te acontecer, mostra grandeza na dor". Esta atitude é nobre, modifica a pessoa mas não muda a realidade brutal.

Esperança

A terceira atitude é a da esperança apesar de tudo. Parte reconhecendo claramente: o mal é um mistério indecifrável. Ele está aí não para ser compreendido mas para ser combatido. Por isso não é uma teoria que lhe dará sentido, senão uma prática. Desta nasce a esperança de que em tudo deve

haver um sentido secreto para além do escândalo da razão. Ele se manifesta, por exemplo, no milagre de uma criança de três meses que se salva nas águas colchão que flutua nas águas revoltas ou na solidariedade do mundo todo para com as vítimas. A solidariedade não elimina a dor, cria a irmandade dos sofredores que impede a solidão e o desespero.

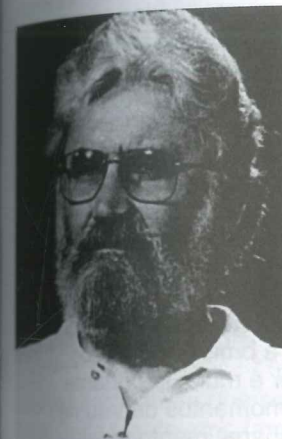
Os cristãos e os budistas dizem: Deus não ficou indiferente ao

sofrimento. Ele sofre junto. Andando no exílio da encarnação, gritou: "Meu Deus, por que me abandonaste?"

A paixão de Deus na paixão do mundo nos faz crer que a esperança tem mais futuro que a brutalidade dos fatos. Deus prometeu que "não haverá mais pranto, nem luto em morte porque tudo isso passou". No entanto, o mistério continua mistério e como dói!

**Teólogo, escritor. Extraído do boletim REDE.*

A Teologia da Libertação: atual e questionadora



"O peso da Teologia da Libertação (TdL) se fez sentir no aparelho central da igreja católica, o Vaticano. Os papas com frequência tomaram posição diante dela. As instâncias doutrinárias reagiram em 1984 e 1986 com diferentes níveis de empenho.

Fundamentalmente e em contradição com a versão dominante nos meios de comunicação, a TdL foi aprovada pela Igreja. Ela chamou, sim, a atenção para dois perigos que sempre acossam este tipo de teologia: a redução da fé à política e o uso não crítico do marxismo. Evitados estes, pois o perigo nunca invalida a coragem do pensamento, a TdL é útil e necessária na presente conjuntura de flagelo planetário dos pobres.

*Na verdade, as Igrejas assumiram as principais intuições da TdL: 1) a opção preferencial pelos pobres, contra a pobreza e em favor da libertação; 2) a dimensão histórico-libertadora da fé cristã; 3) as comunidades cristãs de base como expressão de um cristianismo de libertação, no qual fé e vida, mística e política se articulam para produzir a libertação nascida da própria fé; 4) a libertação como um processo aberto e integral: **libertação de**, das opressões de todo tipo, inclusive daquela especificamente religiosa, do pecado, e **libertação para**, para a realização das capacidades humanas pessoais e coletivas, para o pleno desabrochar do sentido da história, que inclui sua imersão no mistério de Deus". (Boff, Leonardo. A Teologia da Libertação. Balanço e perspectivas. Editora Atica. São Paulo).*

Dorothy

Helio e Selma Amorim

Covardia estúpida. Mortes anunciadas. Vão continuar. O pistoleiro custa pouco. A oferta desse serviço é abundante, reduzindo custos. Estado impotente ou cúmplice. Um martírio a mais para dar agora maior visibilidade a problemas mal resolvidos ou enfrentados com timidez.

No centro da selvageria, a terra. A posse da terra, a exploração da terra. Num país de muita terra.

A grilagem é indecente, com tramas conhecidas, proprietários fantasmas de terras reais de descomunal tamanho. As cumplicidades têm nomes conhecidos, habitam falsas empresas, tribunais e cartórios.

Basta vontade firme para abreviar decisões judiciais e fazer valer a lei. Quilômetros quadrados de terras griladas cultiváveis. Se recuperadas, certamente capazes de fazer avançar a lenta reforma agrária. Lentidão que tem culpa na tragédia cotidiana do campo.

A mártir Dorothy já fez seu milagre. Um alarme ouvido de norte a sul, dentro e fora do país que amou. Tantos mortos anônimos de cada dia não despertaram o sono oficial. Um exemplo a mais de invisibilidade social. Mortos sem nome, sem posses, lavradores pobres terminam como números de estatística. Os nomes se escondem atrás do número inexpressivo: *"Três mortos ontem em novos conflitos no campo"*. Morte e vida Severina. Dá poema e dramaturgia. Já não se comove a opinião pública. Menos ainda os que andam atarefados com a política de juro ou a eleição do presidente da Câmara, um Severino que deu certo por todos terem errado.

Mas agora, a mártir visível. Autoridades voam para o amazônico fim do mundo. Aparecem na telinha da TV, comovidos e revoltados. Principalmente aparecem, como convém a omissos crônicos. Aparecer é muito importante nesses momentos de trauma social. Aparecimento rápido, imediato, enquanto a mídia se interessa. Ela não suportaria manter o caso muito tempo na agenda. A tragédia vai sumir do noticiário daqui a pouco.

Cabe então à população, às organizações sociais, populares, civis e religiosas, o MST e as ONGs focadas nas políticas ambientais,

Dorothy Sang, fotografada dias antes de morrer, depois de denunciar um dos fazendeiros mandantes do crime bárbaro.



agrárias e fundiárias, manter ruidosamente na pauta das preocupações do governo e na agenda da mídia a gravidade do problema mal resolvido.

Reforma agrária tem que ser mais veloz. Cada dia de uma família acampada é um sacrifício que levaria à loucura qualquer família urbana de classe média que tentasse vivê-lo. Se esses dias de inferno não são dias, mas semanas, meses e anos, os conflitos seguirão. Paciência tem duração efêmera como agenda de mídia. Explode. Ou vira conformismo estéril desumanizador.

Se não se quer esse conformismo de mortos-vivos nem explosão social, pé no acelerador da reforma agrária ou que novo nome tenha a política que dê a terra a quem quer e pode cultivá-la. Terra e meios para o cultivo.

Há ainda a inexplicável duplicidade de inquéritos policiais para apurar a morte encomendada da Irmã Dorothy. Os acusados depõem numa delegacia federal e são transportados com coletes à prova de balas para a delegacia estadual, para responder as mesmas perguntas com as mesmas mentiras.

Num desses passeios vão acontecer as queimas de arquivo. O matador e o intermediário sabem que estão ferrados mas sabem também de muitas outras coisas que deixam assustados grileiros, posseiros e madeireiros invasores de florestas com suas moto-serras assassinas. Conhecem mandantes de mortes e autores de tiros menos famosos. É um perigo vivo. Melhor que seja um perigo morto. Sempre haverá alguém disposto a facilitar as coisas. "Bandido bom é bandido morto", diz um político carioca conhecido por sua truculência. Se a esta crença se acrescenta um bom preço para expor o alvo ao tiro certo, o negócio está fechado.

Se não conseguirem queimar o arquivo e se o arquivo é bem falante, as cumplicidades aparecerão, em dose dupla, na duplicidade estranha dos inquéritos paralelos.

Por isso, é preciso garantir o assunto vivo na pauta do governo e bem aceso na mídia, para manter a população acordada até o fim, com a punição exemplar desse rosário de crimes, agora mais visíveis em sua dimensão mais cruel pelo martírio da Irmã Dorothy.

Cresce movimento de repúdio à gastança

Circulam pela Internet manifestos e abaixo-assinados de protesto contra os gastos com os gabinetes de Brasília. O que menos pesa são os honorários dos deputados e senadores, afinal de contas merecidos pelos que de fato trabalham. A gastança injustificável está nos subsídios para moradia, mesmo para quem tem casa, bilhetes aéreos, gastos pessoais, verbas de gabinete, agora aumentadas, para contratação de assessores sem concurso, geralmente parentes mais próximos.

Mas não basta a punição dos culpados por esse doloroso episódio. É necessário reclamar por todos os meios o enfrentamento das causas da violência no campo. Basta de martírios visíveis e invisíveis. Prender grileiros e seus cúmplices de toga ou gravata. Cancelar escrituras e registros forjados. Recuperar terras roubadas. Acelerar os programas de acesso à terra. A política agrária estará formulada.

Estas ações devem ser reclamadas como prioridades políticas, em nome da justiça e da paz social.

Roubem-se uns trocados do gigantesco superávit primário e resolva-se de uma vez esse quadro de sofrimento e de morte.

**Editores de Fato e Razão, do MFC.*

Rubem Alves*

Que vontade de chorar

Era uma manhã fresca e transparente de primavera. Parei o carro na luz vermelha do semáforo. Olhei para o lado e lá estava ela, menina, dez anos, não mais. O seu rosto era redondo, corado e sorria para mim. "O senhor compra um pacotinho de balas de goma? Faz tempo que o senhor não compra..." Sorri para ela, dei-lhe uma nota de um real e ela me deu o pacotinho de balas. Ela ficou feliz. Ai a luz ficou verde e eu acelerei o carro, não queria que ela percebesse que meus olhos tinham ficado repentinamente úmidos.

Quando eu era menino, lá na roça, havia uma mata fechada. Os grandes, malvados, para me fazer sofrer, diziam que na mata morava um menino como eu. "Quer ver?", eles perguntavam. E gritavam: "Ô menino!" E da mata vinha uma voz: "Ô menino!" Eu não sabia que era um eco. E acreditava. Nas noites frias, na cama, eu sofria, pensando no menino, sozinho, na mata escura. Onde estaria dormindo? Teria cobertores? Os seus pais, onde estariam? Será que eles o haviam abandonado? É possível que os pais abandonem os filhos?

Sim, é possível. João e Maria, abandonados sozinhos na floresta. Os seus pais os deixaram lá para



serem devorados pelas feras. Diz a estória que eles fizeram isso porque já não tinham mais comida para eles mesmos. Será que os pais, por não terem o que comer, abandonam os filhos? Será por isso que as crianças são vistas freqüentemente na floresta vendendo balas de goma? Será que havia balas de goma na cesta que Chapeuzinho Vermelho levava para a avó? Será que a mãe de

Chapeuzinho queria que ela fosse devorada pelo lobo? Essa é a única explicação para o fato de que ela, mãe, enviou a menina sozinha numa floresta onde um lobo estava à espera.

Num dos contos de Andersen uma menininha vendia fósforos de noite na rua (se fosse aqui estaria num semáforo), enquanto a neve caía. Mas ninguém comprava. Ninguém estava precisando de fósforos. Por que uma menininha estaria vendendo fósforos numa noite fria? Não deveria estar em casa, com os pais? Talvez não tivesse pais. Fico a pensar nas razões que teriam levado Andersen a escolher caixas de fósforos como a coisa que a menininha estava a vender, sem que ninguém comprasse. Acho que é porque uma caixa de fósforos simboliza calor. Dentro de uma caixa de fósforos estão, sob a forma de sonhos, um fogão aceso, uma panela de sopa, um quarto aquecido... Ao pedir que lhe comprassem uma caixa de fósforos numa noite fria a menininha estava pedindo que lhe dessem um lar aquecido. Lar é um lugar quente. Pois, se você não sabe, consulte o Aurélio. E ele vai lhe dizer que o primeiro sentido de "lar" é "o lugar da cozinha onde se acende o fogo." De manhã a menininha estava morta na neve, com a caixa de fósforos na mão. Fria. Não encontrou um lar.

Um supermercado é uma celebração de abundância. No estacionamento as famílias encham os porta-malas dos seus carros com coisas boas de se comer. "Graças a

Deus!", eles dizem. Do lado de fora, os famintos, que os guardas não deixam entrar. Se entrassem no estacionamento a celebração seria perturbada. "Dona, me dá uns trocados?" O menino estava do lado de fora. Rosto encostado na grade, o braço esticado para dentro do espaço proibido, na direção da mulher. A mulher tirou um real da bolsa e lhe deu. Mas esse gesto não a tranquilizou. Queria saber um pouco mais sobre o menino. Puxou prosa. "Para que você quer o dinheiro?" perguntou. "Prá voltar prá onde eu durmo." "Onde é a sua casa?" "Não vou voltar prá casa. Eu não moro em casa. Eu durmo na rua. Fugi da minha casa por causa do meu pai."

Em muitas histórias o pai é pintado como um gigante horrendo que devora as crianças. Na história do "João e o pé de feijão" ele é um ogro que mora longe, muito alto, nas nuvens, onde goza sozinho os prazeres da galinha dos ovos de ouro e da harpa encantada. Mãe e filho, lá embaixo, morrem de fome. Por vezes as crianças estão mais abandonadas com os pais que longe deles. Como aconteceu com a Gata Borralheira. Seu lar estava longe da mãe-madrasta e das irmãs: como uma gata, o borralho do fogão era o único lugar onde encontrava calor.

E comecei a pensar nas crianças que, para comer, fazem ponto nos semáforos, vendendo balas de goma, chocolate bis, biju. Ou distribuindo folhetos... Ah! Os inúteis folhetos que ninguém lê e ninguém quer e que serão amassados e

jogados fora. O impulso é fechar o vidro e olhar para a criança com olhar indiferente como se ela não existisse. Mas eu não agüento. Imagino o sofrimento da criança. Abro o vidro, recebo o papel, agradeço e ainda pergunto o nome. Depois, discretamente, amasso o papel e ponho no lixo...

E há também os adolescentes que querem limpar o pára-brisa do carro por uma moeda. Já sou amigo da "turma" que trabalha no cruzamento da avenida Brasil com a avenida Orozimbo Maia. Um deles, o Pelé, tem inteligência e humor para ser um "relações públicas"...

Lembro-me de um menino que encontrei no aeroporto de Guarapuava. No seu rosto, mistura de timidez e esperança. "O senhor compra um salgadinho para me ajudar?" Ficamos amigos e depois descobrimos que a mulher para quem ele vendia os salgadinhos o enganava na hora do pagamento...

Um outro, no aeroporto de Viracopos, era engraxate. O pai sofrera um acidente e não podia trabalhar. Tinha de ganhar vinte reais. Mas só podia trabalhar enquanto o engraxate adulto, de cadeira cativa, não chegava. Tinha, portanto, de trabalhar rápido. Tivemos um longa conversa sobre a vida que me deixou encantado com o seu caráter e inteligência ao ponto de ele delicadamente me repreender por um juízo descuidado que emiti, pelo que me desculpei.

E me lembrei das meninas e meninos ainda mais abandonados

que nada têm para vender e que, à noitinha, nos semáforos (onde serão suas casas?), pedem uma moedinha...

Houve uma autoridade que determinou que as crianças fossem retiradas da rua e devolvidas aos seus lares. Ela não sabia que, se as crianças estão nas ruas, é porque as ruas são o seu lar. Nos semáforos, de vez em quando, elas encontram olhares amigos.

Os especialistas no assunto já me disseram que não se deve ajudar pessoas nos semáforos, pois isso é incentivar a mendicância e a mendicância. Mas me diga: o que vou dizer àquela criança que me olha e pede: "Compre, por favor..."? Vou lhe dizer que já contribuo para uma instituição legalmente credenciada? Me diga: o que é que eu faço com o olhar dela?

Minhas divagações me fizeram voltar ao Irmãos Karamazóvi, de Dostoiévski. Um dos seus trechos mais pungentes é uma descrição que faz Ivan, ateu, a seu irmão Alioscha, monge, da crueldade de um pai e uma mãe para com a sua filhinha. "Espancavam-na, chicoteavam-na, pisoteavam-na, sem mesmo saber por que o faziam. O pobre corpinho vivia coberto de equimoses. Chegaram depois aos requintes supremos: durante um frio glacial, encerraram-na a noite inteira na privada sob o pretexto de que a pequena não pedia para se levantar à noite (como se um criança de cinco anos, dormindo o seu sono de anjo, pudesse sempre pedir a tempo para sair!). Como castigo,

maculavam-lhe o rosto com os próprios excrementos e a obrigavam a comê-los. E era a mãe que fazia isso a mãe! Imagina essa criaturinha, incapaz de compreender o que lhe acontecia, e que no frio, na escuridão e no mau cheiro, bate com os punhos minúsculos no peito, e chora lágrimas de sangue, inocentes e mansas, pedindo a 'Deus que a acuda'. Todo o universo do conhecimento não vale o pranto dessa criança suplicando a ajuda de Deus."

Num parágrafo mais tranqüilo o starets Zossima medita "Passas por uma criancinha: passas irritado, com más palavras na boca, a alma cheia de cólera; talvez tu próprio não avistasses aquela criança; mas ela te viu, e quem sabe se tua imagem ímpia e feia não se gravou no seu coração indefeso! Talvez o ignores, mas quem sabe se já disseminaste na sua alminha uma semente má que germinará! Meus amigos: pedi a Deus alegria! Sede alegres com as crianças, como os passaros do céu."

Quando essas imagens começaram a aparecer na minha imaginação comecei a ouvir (essas músicas que ficam tocando, tocando, na cabeça...) sem que a tivesse chamado aquela canção "Gente humilde". "Tem certos dias em que eu penso em minha gente e sinto assim todo o meu peito se apertar..." Pelo meio o poeta conta da sua comoção ao ver "as casas simples com cadeiras nas calçadas e na fachada escrito em cima que é um lar". Termina, então, dizendo: "E aí me dá uma tristeza no meu peito feito um despeito de

eu não ter como lutar. E eu que não creio peço a Deus por minha gente. É gente humilde. Que vontade de chorar."

Se fosse hoje o poeta não teria vontade de chorar. Ele ria de felicidade ao ver as cadeiras nas calçadas e as fachadas escrito em cima que é um lar... Vontade de chorar ele teria vendo essa multidão de crianças abandonadas entregues ou à indiferença ou à maldade dos adultos: "E aí me dá uma tristeza no meu peito feito um despeito de eu não saber como lutar..." Só me restam meu inútil sorriso, minhas inúteis palavras, meu inútil real por um pacotinho de balas de goma...

1. Se dependesse de mim, nas escolas onde se formam os professores haveria cursos de "Como amar uma criança". E a pergunta decisiva a todos os que pretendessem ser professores seria: "Você ama as crianças?" Essa é a primeira condição. Quem não ama uma criança não tem o direito de ser professor ainda que tenha todas as teorias na cabeça.

2. "Nosso mais forte elo com a vida é o franco e radiante sorriso de uma criança": Janusz Korczak. Janusz Korczak foi um educador polonês que morreu com as crianças judias de sua escola. Tendo lhe sido oferecida a possibilidade de liberdade, escolheu entrar com elas na câmara de gás de Treblinka.

*Escritor, psicanalista, poeta, teólogo. Extraído de Correio Popular.



Chacina brutal !

Encerramos esta edição sob o impacto da notícia da matança brutal de trinta pessoas, inclusive adolescentes, em duas cidades do Grande Rio, por um bando de policiais ensandecidos. Aparentemente uma reação estúpida contra um oficial da corporação que resolveu enfrentar a banda podre da polícia prendendo policiais corruptos. Matança indiscriminada, sem alvo escolhido.

Matar por matar, como demonstração de poder. Vítimas pobres, sepultadas lado a lado em covas rasas da periferia de cemitérios da Baixada Fluminense, em meio ao pranto de "gente humilde, que vontade de chorar", do verso do Chico Buarque.

Já há prisões de suspeitos, pelo menos um deles identificado por sobreviventes da chacina tresloucada. Presos também policiais que tentaram remover provas da participação de colegas na matança, recolhendo no local as

cápsulas das balas assassinas que identificariam os autores dos disparos.

Mas o medo é enorme. Era o objetivo dos matadores. Intimidar qualquer repressão à sua ação criminosa de bandos organizados para extorquir, "vender proteção", dar cobertura ao tráfico e todo o rol de especialidades dessa corja assassina.

Esta chacina foi certamente programada para ser a maior e, assim, ocupar manchetes fartas, mais capaz de intimidar. Teria que superar as da Candelária e Vigário Geral, e mesmo as de geografia

Nacional, como Eldorado de Carajás. Os bandidos terão partido para a matança com um número redondo, que cobrisse as anteriores: trinta! Não importa quem morrerá. Serão trinta. Essa terá sido a lógica. Por isso a perplexidade na identificação das vítimas, pobres inocentes, cidadãos anônimos, socialmente irrelevantes.

A população, infinitamente triste e amedrontada, espera o resultado desse jogo de poder para recuperar a coragem de andar nas ruas do seu bairro como direito elementar de cidadania.



**Trabalhar
é coisa
de adulto**

NÃO AO TRABALHO INFANTIL

CONAETI

MERCOSUL



Ratzinger é Bento XVI

Bento XVI celebrou em latim a sua primeira missa como papa na Capela Sistina, presentes os 114 cardeais que o elegeram na véspera. Lembrou João Paulo II e afirmou que continuará com as reformas propostas pelo Concílio Vaticano II. Também anunciou que irá trabalhar, sem poupar energias, para conseguir a reconciliação de todos os cristãos.

Disse ainda que deseja continuar o diálogo aberto e sincero com outras religiões e que tudo fará para promover a causa ecumênica.

Joseph Ratzinger teve papel destacado no Concílio, como teólogo assessor do arcebispo de Colônia, Joseph Frings. Não podia intervir nos debates nas sessões plenárias conciliares mas fazia conferências em vários lugares de Roma, influenciando fortemente os seus pares germânicos. Construiu uma sólida reputação de teólogo progressista e favorável à introdução de mudanças, apoiando as iniciativas que buscavam abrir o mundo religioso a todos os aspectos da vida cotidiana.

Defendeu então o Concílio contra opositores, afirmando que era um intento do catolicismo de "sair do gueto em que se encontrava desde o século XIX e se envolver novamente no mundo".

Em 1981, Ratzinger foi nomeado prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, a mais poderosa organização vaticana, sucessora do

Santo Ofício de triste memória. Dedicou-se a enfrentar o que considerava desvios doutrinários. É difícil encontrar alguma controvérsia católica nos últimos vinte anos que não tenha tido a participação de Ratzinger. Nesse posto, revelou-se um duro guardião de posições tradicionais que seus críticos consideram como forte retrocesso em relação aos avanços do Concílio.

A sua investida contra a Teologia da Libertação em 1984 reduziu o ímpeto de um movimento inovador, com vasta e rica produção teológica que segue inspirando a ação dos setores da Igreja mais comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa, assumindo a opção pelos pobres.

Ultimamente, quando a saúde de João Paulo II já não permitia que ele participasse tanto das proposições doutrinárias, Ratzinger publicou sucessivos documentos que criaram novas barreiras ao diálogo inter-religioso ao considerar que "as comunidades eclesiais que não preservaram o episcopado válido e a genuína e integral substância do mistério da Eucaristia não são Igrejas propriamente ditas". Afirmava que "assim como há somente um Cristo, existe um único corpo de Cristo: uma Igreja Católica e Apostólica, apenas".

Entrevistas com teólogos de diferentes correntes apontam, de um lado, entusiasmo e esperanças, de outro, decepção e desalento. Alguns consideram que no posto de

guardião da doutrina, Ratzinger teria que ser o que foi. Era a sua função. Como papa, poderá ressurgir o teólogo influente do Concílio Vaticano II. Essa expectativa é alimentada pelas primeiras afirmações de Bento XVI em relação ao Concílio.

São muitas as questões não resolvidas ou mal resolvidas na vida da Igreja, que alimentam constantes controvérsias. A centralismo do poder em Roma, em detrimento do dinamismo das Conferências Episcopais nacionais; o celibato obrigatório os padres, muitas vezes relacionado com desvios sexuais no clero, sufocado por denúncias de pedofilia e processos judiciais com indenizações milionárias; as questões relacionadas com o planejamento familiar, o matrimônio e a sexualidade; a limitada participação das mulheres nas instâncias decisórias da Igreja; as dificuldades no diálogo com a ciência em acelerada evolução, ultimamente sobre a questão das células-tronco; a rigidez do bloqueio inibidor da criação teológica com repetidas condenações de teólogos ao silêncio.

Assim, há expectativas desencontradas que logo serão definidas sobre como será o novo papado. Terá a marca do teólogo do Concílio ou a do prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé?

(Texto composto com dados da Agência Adital e do noticiário da imprensa)

O desarmamento continua...



...e você, já entregou a sua?

A campanha está dando certo. Você devolve esse brinquedo inútil e perigoso, sem precisar explicar onde o comprou. E ainda recebe um cheque. Arma em casa sempre beneficia o agressor quando usado pelo agredido. Livre-se dela!

Diante da morte de um ente querido, a saudade e a sensação de perda não permitem que o assunto da herança seja levantado prematuramente. No caso do falecimento de um papa como João Paulo II, refletir sobre sua herança para a Igreja e para o mundo é a melhor forma de honrar sua memória.

Herança de um papa e do papado

Marcelo Barros*

Em 60 anos de vida, já acompanhei pelos meios de comunicação a morte de quatro papas. Quando, em 1958, morreu Pio XII, a rádio dizia que multidões se reuniam em todas as Igrejas do mundo para chorar, como quem tivesse perdido o pai. Quem, na infância, se habituara com a figura elegante e principesca de Pio XII, estranhou João XXIII, gorducho e engraçado. Ele quebrava protocolos e se apresentava como um homem comum, igual a qualquer ser humano.

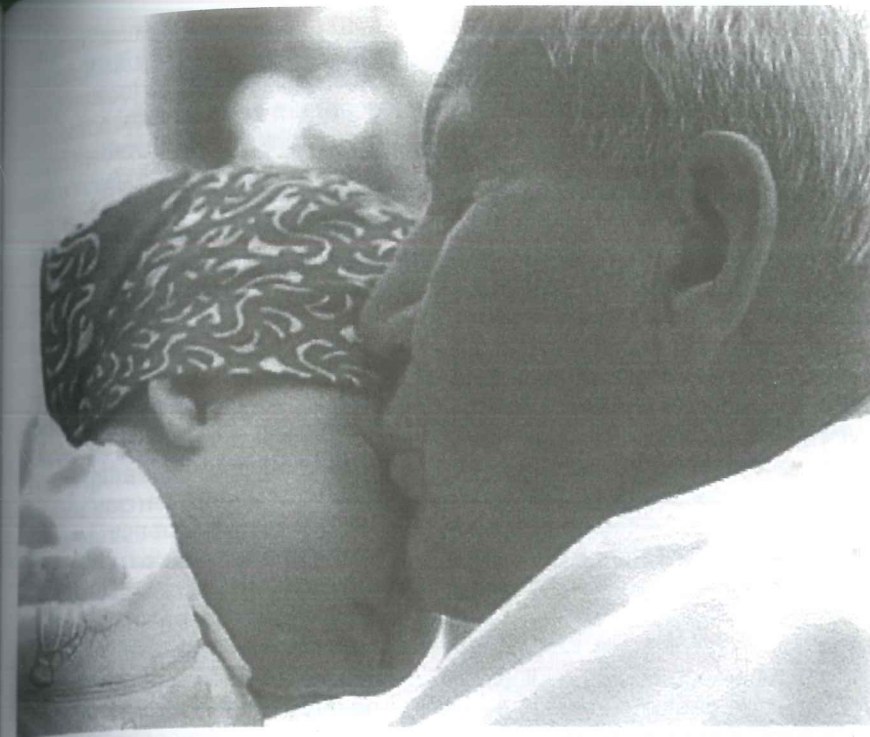
Mais tarde, em meios ateus, apareceu sobre ele uma biografia

com o título: "Um cristão no Vaticano". Em junho de 1963, o mundo acompanhou por três dias a agonia do "papa bom". Ele convocara o Concílio Vaticano II para renovar a Igreja e colocá-la em diálogo com a humanidade. Emociono-me cada vez que me lembro de ouvir que João XXIII ofereceu sua vida pela unidade das Igrejas.

Paulo VI retomou o estilo de Pio XII com as opções de João XXIII. Não tinha a rigidez do primeiro nem a coragem do segundo. Teve um longo pontificado. Em 1978, quando Paulo VI morreu, ele tinha

contribuído para que o povo não visse mais como "dono absoluto" da Igreja. Ele tinha continuado o Concílio que tentou unir a doutrina católica vigente com uma concepção de Igreja mais de acordo com o cristianismo dos primeiros séculos.

Segundo esta visão, a Igreja Católica não é uma multinacional religiosa com sede em Roma e sim a comunhão de Igrejas locais, cada qual com seu rosto próprio e certa autonomia doutrinal, litúrgica e disciplinar. Cada diocese é uma Igreja própria e todas se unem na



João Paulo II levou o papado para as ruas e praças do mundo, abraçou multidões, dialogou com as religiões, pediu perdão pelos erros da Igreja ao longo de sua história, rompeu o isolamento tradicional dos papas em gabinetes vaticanos.

mesma fé e na missão de ser, no mundo, testemunhas de Deus, no serviço da paz, justiça e defesa da criação. Na prática, forças e tendências conservadoras tentaram frear as mudanças.

Documentos oficiais deram passos na direção da novidade, mas tiveram de aprovar medidas para garantir a continuidade da tradição. Em agosto de 1978, os cardeais votaram em João Paulo I e, dois meses depois, em João Paulo II.

Em quase 500 anos, ele foi o primeiro papa não italiano, um

cardeal vindo da parte do mundo, então, dominada pelo comunismo. Esperava-se que fosse um homem de diálogo e com capacidade de inserir a Igreja em um mundo que não era mais uma civilização de costumes cristãos e no qual padres e bispos mandavam.

Vinte e sete anos depois, não é fácil avaliar o longo pontificado de João Paulo II. Sem dúvida, Karol Wojtyła inovou o modo de ser papa, ao inaugurar um ministério itinerante. O mundo inteiro admirou a figura espiritual do papa peregrino que percorreu todos os continentes.

Em meio a um mundo de guerras, pregou a paz; em países ricos, insistiu no diálogo entre as nações; condenou regimes ditatoriais e ensinou a todos o direito dos pobres, dos índios, dos negros e a sacralidade de todo ser humano.

Nenhum dos papas que o precederam escreveu tanto. Dizem que seus escritos chegam a 100.000 páginas e ocupam 70 tomos. Nenhum papa viajou tanto e falou tantas línguas diferentes quanto ele. É difícil distinguir o que se deve à personalidade forte e carismática deste papa e os elementos decorrentes da estrutura do papado. João Paulo II encantou o mundo com sua personalidade mediática.

Desde o começo do seu ministério, foi capaz de gestos corajosos e proféticos. Foram suas as iniciativas de diálogo com judeus, com muçulmanos, com o Dalai Lama e com outros religiosos que, em cada viagem, ele visitava e, por duas vezes, convidou a se reunir com ele em Assis para orar pela paz. Criticou os totalitarismos políticos, seja o comunismo, seja o capitalismo selvagem que, hoje, impera no mundo.

De forma pessoal, tomou a iniciativa de pedir perdão a negros e índios pela parte de culpa que a Igreja teve na escravidão e na opressão que sofrem seus descendentes. Foram dele as tentativas de uma reforma espiritual da Igreja, tarefa na qual parece não ter conseguido muito êxito. Talvez porque fortaleceu uma organização da Igreja Católica

como uma diocese única na qual ele era o bispo com jurisdição universal. Os bispos locais deveriam se comportar como meros auxiliares do verdadeiro bispo que era o papa. Dentro deste modelo medieval de Igreja, era difícil fazer reformas que supõem outra forma de organização eclesial.

Com o Jubileu de 2000, João Paulo II queria superar certa esclerose burocrática que percebia na Igreja e propôs que se voltasse com novo vigor a uma "Igreja de Comunhão". Afirmou que sem uma reforma espiritual e estrutural da Igreja romana não se poderiam recolher seriamente os desafios do novo século. Normalmente, isso mexeria com a centralização da instituição romana e deveria evoluir na direção da efetiva colegialidade dos bispos e descentralização democrática. Em 1995, a encíclica *Ut unum sint* encorajava a busca de uma nova forma de exercício do primado do papa. Na prática, a estrutura da Cúria não permitiu que nada disso resultasse em alguma mudança concreta.

João Paulo II, vindo da experiência da Igreja em país comunista, acabou reforçando na organização eclesial um forte absolutismo doutrinário e disciplinar. Insistiu no extremo dogmatismo da moral sexual, assinou a condenação da Teologia da Libertação, negou a mulher participação plena nos ministérios eclesiais e tentou restaurar o discurso religioso no debate público da sociedade pós-moderna.

Nestes dias, os cardeais se reúnem em Roma para analisar a situação atual da Igreja Católica e enumerar certos critérios a partir dos quais deverá ser escolhido o próximo papa. A profunda santidade pessoal de João Paulo II indica para a Igreja Católica o compromisso de voltar à simplicidade do Evangelho e unir-se às outras Igrejas no testemunho do amor divino para com a humanidade. Provavelmente, do mundo inteiro, virão pedidos para que se valorize uma maior autonomia das Igrejas locais, se reencontrem caminhos de mais profundo diálogo da Igreja com o mundo atual, com as outras Igrejas cristãs e com as demais religiões.

Desde a década de 60, muitos fiéis e bispos ilustres como Dom Helder Câmara, propõem que o papa renuncie ao cargo de chefe de Estado, entregue o Vaticano

para ser um Museu da Humanidade e assuma plenamente o cargo de bispo da Igreja local de Roma, colocando o primado petrino a serviço da unidade das Igrejas e da paz mundial.

Certamente, vale hoje para toda a Igreja a recomendação que os bispos latino-americanos fizeram em 1968, na sua 2ª assembléia geral em Medellín, Colômbia: "Que se apresente cada vez mais nítido o rosto de uma Igreja autenticamente pobre, missionária e pascal, desligada de todo o poder temporal e corajosamente comprometida na libertação de todo o ser humano e de toda a humanidade" (Medellín. 5, 15a).

**Monge beneditino, escritor com 24 livros publicados. Artigo escrito antes da escolha do novo papa.*

Sobre a teologia da Libertação

"Com referência ao Magistério da Igreja Continental latino-americana importa ressaltar a Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino Americano em Medellín (1968). Aí aflorou a temática da libertação. Ela, entretanto, só ganhou contornos nítidos no pós-Medellín. Na terceira conferência geral, em Puebla (1979), o tema atravessa toda a espessura do texto episcopal. A dimensão libertadora é considerada como 'parte integrante' (n. 355, 1254, 1283), 'indispensável' (1270, 562), 'essencial' (1302) da missão evangelizadora da Igreja. Dedicar grande parte à evangelização, libertação e promoção humana (n. 470-506) e todo um capítulo à opção preferencial pelos pobres (1134-1165), eixo fundamental da Teologia da Libertação.

Por fim, cabe ressaltar a tendência geral dos pronunciamentos do Magistério seja papal, seja do Sínodo extraordinário dos Bispos, de reconhecer os aspectos positivos da Teologia da Libertação, especialmente com referência aos pobres e sua necessária libertação, como patrimônio universal do compromisso histórico dos cristãos. As críticas a certas tendências dentro da Teologia da Libertação, que não de ser sempre consideradas, não anulam o núcleo vigoroso e são desta reflexão cristã, tão atualizadora da mensagem do Jesus Histórico" (Boff, Leonardo e Boff, Clodovis. Como fazer Teologia da Libertação. Vozes, Rio de Janeiro).

A realidade mostra que um número elevado de casamentos acaba se desfazendo após um período mais ou menos longo de convivência. O número de divórcios registrados no Brasil aumentou 59,6% em 10 anos, segundo dados registrados pelo IBGE em 2001.

Por que os casais se separam?

Deonira L. Viganó La Rosa*

Há previsões de que em um futuro não muito distante os casais de segunda união suplantarão os de primeira união, apesar dos esforços da sociedade, da cultura e da religião no sentido de afastar a possibilidade da separação.

A grande maioria das separações acontece entre tensões e sofrimento e todos concordam que a parte mais sensível do processo são os filhos.

A separação dos pais é um

estressor severo e gerador de uma variedade de sintomas nas crianças.

Entre adolescentes de ambos os sexos, entrevistados em Porto Alegre por pesquisadores da PUC-RS, foi consensual a definição de "separação conjugal" como algo ruim, triste e complicado.

Se a separação causa sofrimento, por que acontece com tanta frequência?

A separação do casal deve ser entendida como um fenômeno complexo e relacionado a um conjunto de variáveis, prevalecendo

ora uma, ora outra. Entretanto, especialistas da área são unânimes ao afirmar que o que destrói um casamento é algo muito banal: a maneira de se relacionar no dia a dia.

As áreas mais comuns de conflitos conjugais são estresse no trabalho, relacionamento com a família de origem, dinheiro, sexo, afazeres domésticos e relacionamento com os filhos.

A falta de comunicação é um dos motivos recorrentes das separações: Cada um dos

interessados se fecha e fica esperando que o outro adivinhe o que está acontecendo. "Ele (ou ela) nunca deixou claro o que eu estava fazendo e que não lhe agradava". E quando o casal consegue conversar, fala sobre tudo, menos sobre a sua relação.

Querer continuar a vida de solteiro também é um fator que mina a relação e a vida a dois: não abrir mão do futebol duas vezes por semana; investir todo o dinheiro extra na moto, em roupas, ou com a família de origem de um dos cônjuges; recusar-se a participar dos problemas familiares; contar suas dificuldades e alegrias primeiro e sempre à mamãe, à (ao) colega de serviço; apelar para que a família resolva seus problemas emocionais e financeiros...

Os casais estão trabalhando demais e se dedicando pouco à relação e isso cria um vazio e uma falta de vibração na relação cotidiana. Muitos inclusive os que têm pouco tempo de casados queixam-se de extremo cansaço quando chegam em casa, após um dia de trabalho. Não lhes restam criatividade e energia para algo mais que dormir.

Em dias de folga, arranjam outra forma de "trabalhar", afastando-se de seu parceiro ou parceira para dedicar *longo tempo e intensa emoção* ao seu carro, ao jogo, bebida, shoppings, TV, bar, igreja, visita a familiares, limpeza da casa, computador e internet, sexo virtual.

E a relação, como qualquer ser vivo, ao não receber tempo e trato, acaba morrendo.

Diferenças pessoais, espiritualidade, intimidade e separações

A inaceitação das diferenças oriundas da cultura familiar e do simples fato de um dos cônjuges ser *homem* e o outro, *mulher*, levam casais ao extremo, a ponto de esquecerem que seu desafio é justamente manter as diferenças e ao mesmo tempo criar zonas de comunhão. Então aparecem aquelas ou aqueles que não suportam o crescimento do parceiro ou da parceira. Não percebem que amar é caminhar juntos para a



mesma direção, desde perspectivas diferentes, redesenhando cotidianamente as próprias vidas segundo critérios e projetos estabelecidos em conjunto.

Pouco ou nenhum cultivo da espiritualidade e da própria humanidade vão deixando o casal sem perspectiva, com falta de sentido para os seus esforços. Os valores são cada vez mais a competitividade, as necessidades materiais, o egoísmo, ou seja, *primeiro eu*. A cooperação, a partilha, os projetos do mundo do "nós" ficam esquecidos.

A falta de intimidade é uma das queixas de homens e mulheres e pode ser um forte elemento entre os responsáveis pelo fracasso do casamento.

- ❖ *Como a separação faz sofrer, por que não investir no que une e superar o que afasta? É possível? Como?*
- ❖ *O que mais une? O que mais afasta e pode levar à separação?*
- ❖ *A preparação ao casamento é capaz de ajudar a construção de uniões estáveis e felizes? Pode ser aperfeiçoada? Como?*

Uma parábola chinesa:

Dois homens caminham por uma estrada em sentido contrário. Cada um traz consigo um pão. Em determinado ponto os dois se encontram e trocam os pães... Depois, cada um segue, levando um pão. Em outra estrada, dois homens também caminham em sentido contrário, e cada um traz consigo uma idéia. Em determinado ponto eles se encontram e trocam as idéias... Depois, cada um segue seu caminho, levando agora duas idéias. Na troca de bens materiais, não acrescentamos muito ao nosso patrimônio, mas quando trocamos idéias e experiências, transformamos nossa mente numa ferramenta fecunda, capaz de proporcionar-nos mais sabedoria, um patrimônio intangível.

De que tipo de intimidade estamos falando? Daquela intimidade que permite ao casal expressar seus sentimentos sem rodeios, inclusive suas dificuldades e prazeres sexuais; não ter receio de mostrar o que é, até mesmo nos defeitos, medos e inseguranças; comunicar-se aberta e honestamente, dividindo não apenas carinho, mas os segredos e as experiências, sem medo de que sejam usados contra um dos dois; abrir-se sobre o que realmente incomoda; por na balança semelhanças, diferenças e esquisitices. O **perigo** está em fazer isso com agressões, sem ir direto ao ponto.

**Terapeuta de Família e de Casal. Mestre em Psicologia.
E-mail: jordeon@orion.ufrgs.br*



Beatriz Reis

Houve festa no céu. Nossa querida Beatriz chegou para o abraço do José, no encontro definitivo com Deus, na conquista da vida em abundância e sem fim.

José e Beatriz Reis foram estrelas luminosas na caminhada do MFC brasileiro e latino-americano.

José partiu antes. Beatriz libertou-se agora da longa agonia de anos de enfermidade, sempre cercada pelo carinho de

suas filhas, que se revezaram à sua cabeceira ano após ano, com o apoio sempre presente dos outros irmãos. Tristeza e esperança para os que ficaram, alegria e festa para Reis e Beatriz que finalmente se reencontraram diante do Senhor, a quem serviram durante sua vida terrena.

Reis e Beatriz foram presidentes estaduais, nacionais e latino-americanos do MFC, autores de temários, inúmeros estudos, artigos, liturgias e poemas (ambos poetas e profetas inspirados). Co-Editores e colaboradores sempre presentes de Fato e Razão, desde o seu lançamento em 1975.

Sua atuação foi sempre profética e inovadora. Eleitos em 1969 para assumir o MFC Latino-Americano, promoveram um deslocamento do foco de sua ação até então excessivamente centrado na formação de **“famílias mais felizes para um mundo melhor”**. Era então superestimado o potencial transformador da sociedade a partir de famílias bem constituídas e harmoniosas.

Passava o MFC a se preocupar com as estruturas sociais desumanizadoras, que impediam ou conspiravam contra a vida digna das famílias, condenando a maioria a condições desumanas de simples sobrevivência biológica, privadas dos bens e conquistas da sociedade. O MFC decidia lutar por **“um mundo mais justo, humano e fraterno no qual todas as famílias e não apenas algumas - pudessem realizar-se plenamente como famílias”**. Em 1972, num memorável Encontro Latino-Americano, em Bogotá, cunharam a expressão “famílias incompletas”, para superar as discriminações entre famílias quanto à natureza do vínculo matrimonial civil ou religioso. O MFC reconhecia que todas as famílias são incompletas, sendo a falta de amor verdadeiro a incompletude maior. Variam as falhas nas relações internas, ou na fidelidade à sua missão, sendo as falhas de natureza jurídica ou religiosa da união conjugal apenas falhas ou incompletudes como as demais.

As reações iniciais a este conceito inovador foram absorvidas com o tempo e a expressão “famílias incompletas” passou a figurar em documentos oficiais da Igreja.

Sua partida para a vida em abundância, deixa uma lacuna preenchida para sempre pela saudade de tantos amigos e pela releitura do rico material escrito que nos legaram. (Foto dos anos 70).

Flora. seiva de vida

Renato e Marília Azevedo traziam a você, caro leitor, em cada número, o conhecimento e uso de ervas, flores, hortaliças, leguminosas e cereais no tratamento de doenças comuns dos nossos dias.

De repente, a notícia dolorosa chega de Bagé. Renato foi chamado subitamente por Deus para o seu convívio e a vida em plenitude.

Assim, esta página fica vazia neste número, para simbolizar o vazio que ficou em sua família e tantos amigos, no MFC e em sua cidade.

E para neste espaço caber a solidariedade de todos a Marília e sua família.



Os novos deuses da opulência

A dessacralização do mundo expulsou os deuses do Olimpo e livrou-nos do medo do Inferno. Os efeitos não são a secularização, a razão sensata, a lógica razoável, como era de se esperar.

O resultado mais evidente desse processo é a "morte de Deus", não no sentido filosófico de Nietzsche ou Camus, mas na dimensão empírica do materialismo prático, do paganismo efetivo, do consumismo irrefreável, da competitividade ditando como mandamento "armai-vos uns contra os outros".

Respiramos uma cultura idolátrica, na qual alguns seres humanos, sacralizados pelos símbolos do poder, da riqueza e da fama, ocupam os céus, os altares da veneração coletiva, incensados pela mídia e canonizados pela inveja da turba. Maquiados pela espetacularização da notícia, tornam-se ícones, seres

sobrenaturais capazes de encarnar a esperança de milhões. São eles que ocupam páginas e páginas dessas revistas cujas fotos retratam um mundo de facilidade e felicidade, festas requintadas, mansões luxuosas, ilhas paradisíacas, castelos majestosos.

Ali estão as caras de quem galgou os degraus do sucesso e, do lado de cá, o leitor consumido e carcomido pela frustração de não gozar da fortuna de pertencer ao restrito clube da opulência. Busca, pois, compensar-se por uma intimidade psicológica de quem se gaba de conhecer em detalhes a vida dos famosos, o que comem e onde moram, como e com quem dormem, que lugares frequentam e para onde viajam.

Deus é recriado à nossa imagem e semelhança. E o Paraíso existe, mas custa caro obter o bilhete de entrada. Pode-se aplicar hoje aos grandes centros urbanos do

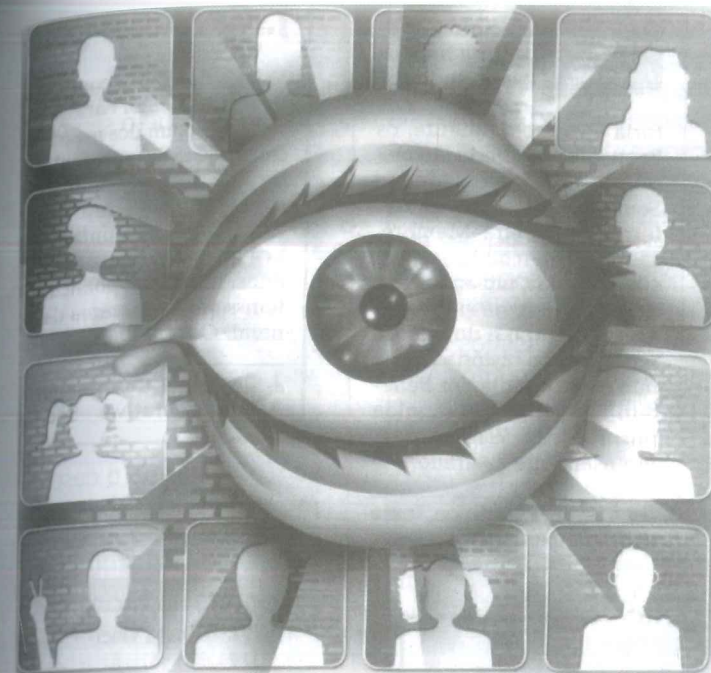
Ocidente a descrição de Paris feita por Balzac na primeira metade do século XIX: "É um bazar onde tudo

tem seu preço, e os cálculos são feitos em plena luz do dia, sem escrúpulo. A humanidade tem apenas dois tipos: o enganador e o enganado. A morte dos avós é esperada com ansiedade; o homem honesto é bobo; as idéias generosas são meios para se obter um fim; a religião surge apenas como uma necessidade de governo; a integridade se tornou pose; o ridículo é um meio para se promover e abrir portas; os jovens já têm cem anos, e insultam a cidade avançada" (Scènes de la vie parisienne, Paris, Édition de Béguin, p. 100).

Buscamos significados e sentido naquilo que é impessoal, descartável, efêmero. De tal modo estamos imbuídos do caráter fetichista da mercadoria que,

diante de uma arma, há quem prefira entregar a vida para não perder o carro. Como nos deprime a perda de um objeto ao qual nos apegamos! Pois aquele objeto nos imprimia valor, adornava a nossa personalidade, abrilhantava a nossa mortal insignificância.

O exemplo mais notório dessa cultura do despeito é o onanismo voyeurista que hipnotiza milhões de telespectadores devotados a observar a intimidade de quem se tranca numa casa promíscua.



Depois os pais se queixam do desinteresse dos filhos pelo estudo, da gravidez precoce da filha, do desrespeito com que os jovens tratam idosos e subalternos. Como infundir valores se há no centro da casa um aparelho destinado a esgarçar o tecido social? Fôssemos uma sociedade cidadã, faríamos saber aos patrocinadores que decidimos não mais adquirir os seus produtos. Oh, retrucam os arautos do sistema, então você defende a censura

Defendo os valores morais e condeno esse neoliberalismo que transforma um veículo importante, a TV, num bordel virtual.

Repudio a religião que prega, como primeiro mandamento, "acumulai lucro acima de todas as coisas". Mas ainda há esperança, e muita. Toda a Europa parou no dia 5 de janeiro para homenagear as vítimas das tsumanis. E mobilizou-se num grande mutirão de solidariedade. Talvez a presença avassaladora da

- ❖ Pesquisando: O que temos encontrado de positivo, educativo, esclarecedor e promotor de valores éticos na TV? Exemplos.
- ❖ O que vemos como negativo, deseducativo, manipulador de consciências, disseminador de anti-valores éticos?
- ❖ Como podemos usar a TV como instrumento de crescimento pessoal e familiar?

morte nos faça, agora, refletir melhor sobre o significado da vida. E com certeza ela não merece ser vivida para que o seu pouco tempo de duração seja consumido em devorar com os olhos e a mente a suposta felicidade alheia.

O mecanismo lucrativo do entretenimento é simples: incita e excita-nos a almejar a aparente felicidade dos que são alvo da notícia e, para compensar a nossa frustração, já que a desigualdade social nos castra o desejo, oferece publicações e programas televisivos que nos imprimem a ilusão de participar da vida dos que pertencem ao círculo hermético. É como nos contos de fadas.

Milhões de gatas borralheiras transformam a TV no espelho à espera de que possam ver refletido o seu rosto de Cinderelas.

*Escritor, autor de "Sinfonia Universal - a cosmovisão de Teilhard de Chardin" (Ática), entre outros livros. Extraído do boletim REDE

Fé & Política

Patrus Ananias*

A Campanha da Fraternidade, a cada ano, nos recoloca as exigências éticas do cristianismo em face dos limites e possibilidades do momento histórico em que vivemos no Brasil e no mundo. Os evangelhos nos apontam para uma dimensão utópica que é a progressiva realização da promessa de Jesus: "Vim para que todos tenham vida e a tenham em plenitude".

O direito à vida, à dignidade da pessoa humana, assim como dos povos e das nações, não é uma abstração jurídica e moral. Ele se traduz na prática nos direitos e

deveres da cidadania. A prática das virtudes e valores democráticos e republicanos pressupõe o atendimento das necessidades materiais básicas, como o direito à alimentação com qualidade e regularidade, o direito à moradia que se articula com o direito à família alicerce do convívio social e do desenvolvimento com os direitos ao trabalho, à educação, aos cuidados com a saúde, à auto-estima, à cultura, à informação. Recordamos as celebrações natalinas de cada ano. A utopia cristã se manifesta no instante mesmo do nascimento do Cristo: "Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens (e mulheres) por ele amados". O Nazareno é o Príncipe da Paz e esta, como ensinam os grandes textos cristãos, é fruto do desenvolvimento com justiça social, da solidariedade e do amor ao próximo. Padre Lebrecht, um autêntico seguidor de Jesus, nos ensinava que hoje o nosso próximo mais próximo é toda a humanidade sofredora! Mais próximo ainda de nós, o povo pobre do nosso grande e querido País.

Quando mergulhamos nos estudos e na vivência da História percebemos, à luz da fé, que a aventura humana sobre a face da Terra tem um sentido, ainda que às vezes oculto e misterioso, e que ele incorpora conquistas e avanços civilizatórios. Mas o tempo de Deus não é o tempo dos homens e a história não caminha de forma constante e linear. Temos períodos históricos mais sombrios, com grandes e

trágicos retrocessos. Nos subterrâneos invisíveis dos corações e das mentes, dos inconscientes individuais e coletivos, dos povos em ascensão determinados a encontrar o seu destino, as sementes do bem e da esperança não cessam de germinar e brotar.

Vivemos um período histórico singular: notáveis avanços tecnológicos. Mas seguramente um período de retrocessos sociais nos últimos 25 anos, na esteira do neoliberalismo.

Os últimos anos do século XX e o limiar do XXI foram marcados por uma esmagadora hegemonia do capital em face do trabalho e dos valores éticos e sociais. É nesse contexto que o povo brasileiro opta pelas mudanças sem aventuras desvinculadas das condicionantes históricas elegendo o presidente Lula. É o voto na estabilidade econômica, mas também no desenvolvimento social, cultural, ético-espiritual. É aí que se colocam as realidades da política. Como abrir e calçar o caminho dos nossos melhores sonhos e desejos? Como prevenir a sábia advertência de Guimarães Rosa: "querer o bem com demais força e incerto jeito já é principiar por desejar o mal"? Vivemos uma realidade histórica concreta: impõe-se às forças

democrático-populares uma criteriosa avaliação desse momento, recuperando os velhos e bons desafios da análise objetiva da realidade, das correlações de forças econômicas, sociais, políticas e culturais no país e o quadro internacional. As boas intenções não são suficientes. A nossa geração viveu 1964, 1968, a tragédia do Chile em 1973. Por outro lado, não podemos ficar aquém dos horizontes que se abrem.

Como cristão vivi, entre outros, um momento de forte emoção no governo Lula. Quando os ministros nos reunimos para discutir o orçamento de 2005 foi dito, de início, que duas prioridades já estavam postas pelo presidente da República: o **Bolsa Família**, dentro do programa estratégico e unificador do **Fome Zero** 8,7 milhões de famílias pobres e a reforma agrária integrada com os programas de apoio aos assentamentos e à agricultura familiar. Para esses programas os recursos serão disponibilizados em função das metas dos programas. Vi ali, reafirmada, a opção preferencial pelos pobres, a opção primeira de Jesus de Nazaré.

Dentro do contexto histórico que nos foi dado viver, o governo Lula reafirma o compromisso de construirmos a paz no Brasil.

*Ministro do Desenvolvimento Social e Combate a Fome

Em pesquisa recente realizada por iniciativa do IBASE e mais 39 organizações que integram a iniciativa "Diálogos contra o Racismo", 87% dos entrevistados afirmaram acreditar que existe racismo no Brasil. Mas apenas 4% admitiram ser racistas.

Racismo... sem racistas

Helio e Amorim*

Temos um país com racismo... sem racistas. Porque o somos inconscientemente. Não queremos ser racistas, polícionamos nossa linguagem, adotamos atitudes para provar o contrário... mas somos o que não queremos ser. De repente escapa uma frase reveladora, uma postura denunciadora, a omissão ou a aceitação de normas discriminatórias como culturalmente arraigadas e imutáveis, apontando-nos como cúmplices do racismo explícito.

Se não diante de episódios distantes, esse racismo escondido acaba desocultado, por exemplo, na reação dos pais da filha loura que apresenta seu namorado negro, com aviso prévio de casamento...

O IBASE lidera a campanha com

esse mote: "Onde você guarda o seu racismo?" e nos desafia: "Jogue fora o seu racismo".

De fato, o racismo é mascarado mas não é invisível. Em condomínios de luxo, negros ou pardos são os empregados domésticos, odiosamente impedidos de usar elevadores "sociais".

Exceções geram tropeços constrangedores. O jogador de futebol que se torna rico e se instala nesse mundo dos brancos, sem ser um deles, acaba tendo seus parentes e amigos encaminhados pelo porteiro para elevadores "de serviço", o que sempre merece destaque na mídia, não tanto pela razão odiosa e crime inafiançável mas por envolver um personagem famoso. Entretanto essa e outras práticas de segregação social são usuais e não costumam ser percebidas como humanamente degradantes.

Multiplicam-se as denúncias de discriminação racial na seleção de candidatos a emprego, requisito

cuidadosamente omitido nos anúncios de oportunidades de trabalho. A lei puniria. Como se trata de contratar uma pequena parcela da interminável fila de candidatos que se forma a cada anúncio na porta da empresa, a rejeição se faz por critérios subjetivos, sem necessidade de justificativa. Os negros são liminarmente excluídos, a menos que se trate de trabalho braçal para serventes, anunciado no tapume da obra ou no portão da mina, com a seleção baseada na musculatura e complexão física do candidato, como se fazia nos leilões de escravos.

Também se pode observar a diferença de espaços na mídia para noticiar a violência praticada, de um lado contra brancos e ricos e, de outro, contra negros e pobres. Um latrocínio em casa de uma família de brancos de classe média ou rica, explode nos jornais com ampla e duradoura cobertura jornalística. Se acontece na favela ou subúrbio distante e as vítimas são negras, pior ainda se pobres, não vale a pena a mobilização da reportagem. Basta uma pequena nota de pé de página.

Na verdade, a discriminação social é mais ampla que a puramente étnica. Aqueles que exercem funções subalternas na sociedade são praticamente invisíveis aos olhos dos bem colocados. Especialmente se usam uniformes que definem a sua função. O uniforme oculta a pessoa. O gari é gari, não tem nome próprio. O mensageiro, o porteiro de edifício comercial, o coletor de lixo em seus uniformes não são percebidos

como pessoas mas como funções. Diremos depois que "o lixeiro passou mais cedo" ou "o porteiro está de mau humor".

Um psicólogo social (¹), para ilustrar a sua tese de mestrado na USP, usou durante seis meses o uniforme de gari, empunhou todos os dias a vassoura e varreu os espaços do campus da universidade sem jamais ser reconhecido, nem mesmo pelos seus colegas e professores, com os quais esbarrava para testar o que quis provar: "a invisibilidade pública", tema da tese. Nunca recebeu um bom-dia ou qualquer sinal de consideração de aluno ou funcionário da universidade. Bastava trocar o uniforme por sua roupa de profissional e universitário branco de classe média que todos o reconheciam, convidavam para o lanche e perguntavam sobre a tese. Os seus "colegas" garis percebiam que ele não era "dos seus". Sem entender bem a intenção, tornavam-se protetores, passavam-lhe sempre a melhor vassoura, não o deixavam usar instrumentos mais pesados, pás ou enxadas. Percebiam que esse gari era "gente fina". A postura e a fala não enganam. Mas para os de fora do grupo, o uniforme da profissão subalterna o tornava invisível.

Assim, a campanha para extirpar o racismo que sobrevive em nós é necessária e oportuna, merece ampla mobilização. Exige uma faxina na consciência e ações concretas, ainda que comecem pela prosaica questão dos elevadores separados, do chamar e

cumprimentar as pessoas pelo nome próprio, agradecendo o serviço que nos prestam... Mas passando pela preferência por desprezados nas competições da vida, e chegando ao compromisso da denúncia profética de práticas discriminatórias. Trata-se de uma injustiça a corrigir, uma dívida social a resgatar.

Os que são discriminados, desprezados e humilhados, invisíveis para os bem situados na sociedade, acabam assumindo-se como pessoas de categoria inferior por sua cor ou profissão. E por serem ignorados e desprezados ao longo da vida se esquecem da

sua dignidade inalienável de seres criados à imagem e semelhança de Deus. Não pode ser assim.

Os que não se conformam com o desprezo da invisibilidade, escolhem às vezes caminhos perigosos para se tornarem visíveis, armados e temidos. O histórico desprezo social a que foi submetida toda a sua genealogia pode ser uma explicação.

(¹) Fernando Braga da Costa. "Homens Invisíveis: Relatos de uma Humilhação Social" Editora Globo.

*Editor de Fato e Razão, do Movimento Familiar Cristão.

- ♦ *Dá para se perceber algum resto de discriminação nos espaços em que nos movemos? Exemplos?*
- ♦ *A campanha denuncia toda forma explícita ou sutil de discriminação racial, profissional, funcional, sexual e religiosa como injustiça social grave. Por que? Concordamos?*
- ♦ *O que se pode fazer concretamente para superar o que ainda se percebe como formas de discriminação?*

Cada família do MFC - uma assinatura por ano!

Este é um compromisso de todas as famílias do MFC:

VENDA OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO, UMA ASSINATURA DE

fato
e razão

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC

Assinatura anual: 27 reais (4 números) - Preço para o ano 2005

Distribuidora MFC de Fato e Razão

Rua São João, 25 s/loja - CEP 24020-040 Niterói - RJ

Tel./Fax (21) 2629-7163

e-mail: fatorazao@primyl.com.br

Não fique tão sério...

Quatro rins

Aconteceu numa universidade brasileira.

Prova final Oral.

Em prova oral do curso de medicina, o professor pergunta a um aluno :

- Quantos rins nós temos?
- Quatro! Responde o aluno.
- Quatro? Replica o professor, arrogante, daqueles que se comprazem em tripudiar sobre o erro dos alunos. Traga um feixe de capim, pois temos um asno na sala de aula! - ordena o professor a seu auxiliar.
- E para mim um cafezinho! - replicou o aluno ao auxiliar do mestre.

Exasperou-se o professor, então, expulsando o aluno da sala. O discípulo era, entretanto, o famoso humorista brasileiro Aparício Torelly (1895-1971), mais conhecido como o "Barão de Itararé", título que se auto-concedeu para debochar da famosa batalha que não houve na Revolução de 1930.

Ao sair da sala, teve ainda a suprema audácia de corrigir o furioso mestre:

- O senhor me perguntou quantos rins "nós" temos. "Nós" temos quatro: dois meus e dois seus; tenha um bom apetite e delicie-se com o capim.

Sogra é sogra

O guarda rodoviário manda o sujeito parar o carro:

- Seus documentos, por favor. O senhor estava a 130 km/h e a velocidade máxima nesta estrada é 100.

- Não, seu guarda, eu estava a 100, com certeza.

Mas a sogra, no banco de trás corrige:

- Ah, João André, que é isso! Você estava a 130 ou mais!

O sujeito olha para a sogra com o rosto fervendo.

- E sua lanterna direita não está funcionando...

- Minha lanterna? Nem sabia disso. Deve ter pifado aqui na estrada...

A sogra insiste:

- Ah, João André, que mental! Você vem falando há semanas que precisa consertar a lanterna!

O sujeito está fulo e faz sinal à sogra para ficar quieta.

- E o senhor está sem o cinto de segurança.

- Mas, seu guarda, eu estava com ele. Eu só tirei para pegar os documentos!

- Ah, João André, deixa disso! Você nunca usa o cinto!

O sujeito não se contém e grita para a sogra:

- Cala essa boca!!!

O guarda se inclina e pergunta à senhora: - Ele sempre grita assim com a senhora?

E a sogra:

- Não, seu guarda; só quando bebe...

Lógica irrefutável

- Pai, por que o nosso país invadiu o Iraque? - perguntou Billy, de oito anos.

- Lá tinha armas de destruição em massa - explica seu pai.

- Mas a TV disse que os inspetores não acharam nada.

- Os iraquianos esconderam. E o nosso governo sabe que invasões funcionam mais que inspeções.

- Se tinham tais armas, por que não usaram quando atacamos?

- Para que ninguém soubesse que eles têm as armas. Preferem morrer a revelar o segredo.

- Como um povo pode preferir morrer a defender-se?

- A cultura deles é diferente.

- Preferem morrer e ir logo para junto de Alá. E lembre-se que Saddam Hussein era um cruel ditador.

- Como cruel?

- Torturava e matava gente.

- Como fazemos em Abu Ghraib e Guatánamo?

- É diferente. Nós prendemos e torturamos em defesa dos direitos humanos, da democracia e da liberdade.

- Foi o que fizemos no Afeganistão?

- Lá foi por causa do Osama Bin Laden.

- Ele é Afegão?

- Não, é saudita.

- Como quase todos os sequestradores suicidas do 11 de setembro?

- Sim, meu filho.

- E por que não invadimos a Arábia Saudita?

- Porque o governo de lá é nosso amigo.

- Saddam também não era nosso amigo em 1980, combatendo o Irã?

- Sim, quem combate o nosso

Inimigo é nosso amigo.

- E por que temos inimigos?

- Porque muitos povos têm inveja do nosso progresso.

- Mas, pai, inveja não é problema do invejado?

- O invejoso de hoje pode virar o terrorista de amanhã.

- O que é um terrorista?

- É uma pessoa que não pensa como nós pensamos.

- Mas não defendemos a liberdade de opinião?

- Claro, mas não a de divergir.

- O Iraque nos atacou?

- Não, a guerra deve ser preventiva, evitamos o mal antes que a semente dele caia na terra.

- Nós é que fabricamos as armas empregadas nas guerras?

- Boa parte delas. É uma indústria que gera muitos empregos.

- Quer dizer que ficamos ricos com a morte de outros povos?

- É a lógica do mercado.

- Mas, pai, uma vida humana não vale mais que um míssil? Não foi isso que você me ensinou?

- Teoricamente sim, mas na prática não é assim. Para o mercado, só tem valor a vida que está dentro dele, a do consumidor.

- E as outras vidas?

- Filho, nada em excesso é bom.

Muito vento causa furacão; muita água, enchente; muitas bocas, fome.

- Quer dizer que nós matamos como Saddam e o Talibã matavam?

- Nós matamos a favor da liberdade; eles, contra.

- Inclusive crianças como eu?

- Você não é como elas. Não temos culpa de nossos inimigos terem tantos filhos.

- Deus aprova isso?

- Sim, nosso presidente fala diretamente com Deus.
- Como assim?
- Ele escuta a voz divina em sua cabeça. Deus o elegeu para fazer a guerra do bem contra o mal.
- Mas Deus e Alá não são a mesma pessoa?
- Billy, chega de perguntas. E, por favor, não confunda o nosso Deus com o deles!

Casamento cínico

Um casal está jantando num exclusivíssimo restaurante, quando entra uma loura estonteante e, se aproximando da mesa, dá um beijo no marido e lhe diz:

- Depois a gente se vê, ok ? E vai embora.

A esposa olha para o marido com olhos esbugalhados e diz:

- Tu podes me explicar quem diabos é essa?
- É a minha amante..., responde o marido calmamente.
- Ah, não! Essa é a gota que transbordou o copo! Quero o divórcio já! Vou contratar o melhor advogado e não vou parar até te destruir.

- Te entendo, querida - diz o esposo com total tranqüilidade. Mas leva em conta que se nós nos divorciarmos não haverá mais nada para ti: nem viagens à Cortina D'Ampezzo, nem um BMW novo a cada ano na garagem, nem restaurantes exclusivos... e tu vais ter que sair da mansão de 26 cômodos que tanto esfregas na cara das tuas amigas porque eu vou te comprar

uma casa bonita, mas muito menor. Isso sem mencionar que se pensas contratar um advogado tão bom, os honorários vão te comer a metade do pouco que consigas tirar de mim... porque tu bem sabes que eu não sou bobo e advogados "feras" é o que mais tenho nas minhas várias empresas. Mas, enfim, a decisão é tua...

Nesse momento, entra no restaurante um amigo do casal, acompanhado por uma morena deslumbrante.

- Quem é aquela atirada que está com o Sérgio? - pergunta a esposa.

- É a amante dele.

- Ah! A nossa é bem mais bonita, né amor?

Xícara ou colher?

Durante uma visita, dessas demagógicas, a um asilo de loucos, o Secretário de Saúde pergunta ao diretor qual o critério para definir se um paciente está curado ou não.

- Bem, disse o diretor, nós enchemos uma banheira oferecemos uma colher de chá e uma xícara, e pedimos para ele esvaziar a banheira.

- Já entendi, disse o Secretário, uma pessoa normal escolhe a xícara, que é maior...

- Não, responde o diretor, uma pessoa normal tira a tampa do ralo...

Paraquedas

O piloto do avião sofre um enfarto e morre. Cinco passageiros assustados encontram quatro pára-quedas. Terão que se lançar, antes que o avião se choque com as montanhas. Começa a disputa dos pára-quedas. O primeiro toma o seu e diz: "Sou um jogador famoso, um fenômeno. O mundo não pode me perder". E se lança no espaço. O segundo faz o mesmo dizendo: "Eu sou o maior tenor vivo, melhor que os outros dois. Não posso

privar o mundo do encanto da minha voz". E lá se foi.

O terceiro avisa: "Eu sou o homem mais poderoso e inteligente do mundo, decido por guerra ou paz". E se lança no espaço.

Sobram um idoso e um menino. Diz o idoso: "Vai você, meu filho. Tenho Parkinson e já é hora de elegerem o meu sucessor".

O menino responde. "Não, senhor. Podemos ir os dois. Ainda há dois pára-quedas. O homem mais inteligente do mundo saltou com a minha mochila".

OS CHARGISTAS



Chico Caruso não perdoa. Um dos mais famosos chargistas na imprensa brasileira não deixa escapar qualquer oportunidade de gozação espirituosa. Desta vez, não escapou o príncipe e seu conturbado segundo casamento...

Terapia com células-tronco: tema polêmico que abordaremos neste e nos próximos números sob diferentes ângulos e interpretações éticas e religiosas.

Os fins justificam os meios?

Dr. Israel Gomy

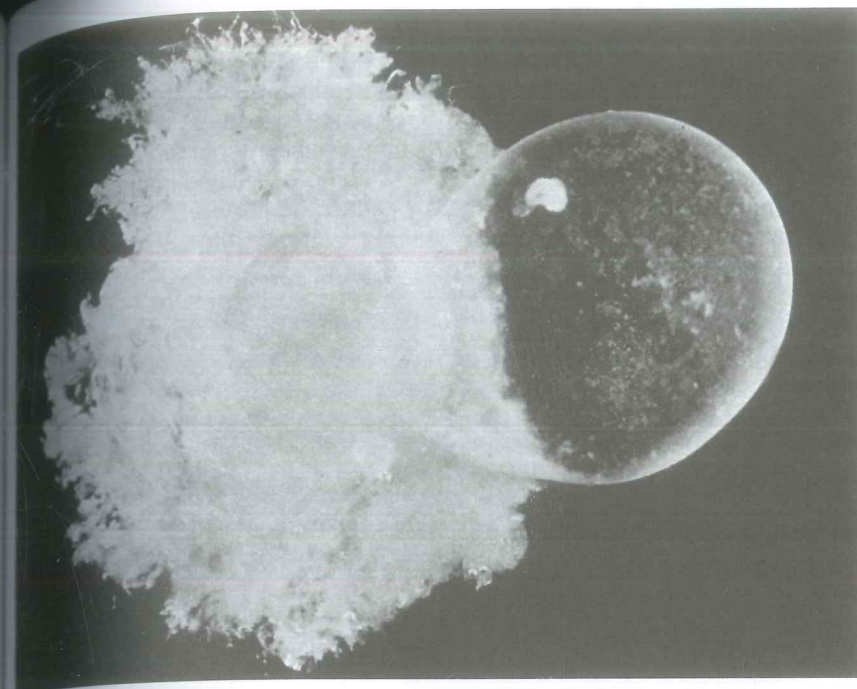
Atualmente, não há nada tão publicamente debatido no mundo quanto as pesquisas de células-estaminais (células-tronco).

Vemos diariamente em todos os jornais, revistas, televisão. Inclusive foi tema de um dos debates mais aguerridos entre os candidatos à presidência dos Estados Unidos, John Kerry e George Bush. Finalmente, a Ciência está saindo dos invólucros dos laboratórios para os lares da população mundial. Porém ficam as perguntas: será que as pessoas leigas estão assimilando essas inovações científicas de forma correta? Será que os meios de comunicação não estão deformando ao invés de informando a opinião pública?

O que vemos na maioria das capas de revistas e nas manchetes de jornais é que as células-tronco são a verdadeira panacéia para males até então incuráveis como as doenças de Alzheimer e Parkinson, diabetes, paralisias da medula espinhal, e outras doenças degenerativas.

Entretanto, é imprescindível saber como estas células são obtidas, qual seu potencial de diferenciação, regeneração, rejeição, crescimento e se podem causar danos à saúde, além daqueles da própria doença.

Em primeiro lugar, existem células-tronco durante todas as etapas da vida humana, desde a concepção até a idade adulta. Se não houvesse, morreríamos de anemia em apenas 4 meses de vida, não teríamos mais unhas, cabelos, mucosa intestinal e qualquer ferimento seria eterno! Portanto, somos todos "regeneráveis". Entretanto, existem células com uma enorme plasticidade, que podem se diferenciar em qualquer tecido humano: as células-tronco de um embrião de apenas 4 dias de vida, que por isso são chamadas de totipotentes. As células-tronco adultas são multipotentes, que podem se diferenciar em alguns tecidos específicos (hematopoietico, muscular, ósseo, adiposo, cardiovascular, etc.) e são oriundas do tecido que as originou (medula óssea, cordão umbilical, coração, etc).



O embrião humano nos primeiros dias da gestação.

Pois bem, na literatura científica, as únicas pesquisas satisfatoriamente realizadas em pacientes com lesões cardíacas, medulares, diabetes mellitus, esclerose múltipla e diversas doenças hematológicas, foram feitas com células-tronco adultas. Entre essas pesquisas destacam-se as realizadas pela equipe do Dr. Hans Dohmman e Dr. Radovan Bojorevic do Hospital Pró-Cardíaco do Rio, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, e aquelas do Prof. Dr. Júlio Voltarelli, do Hospital das Clínicas, pela USP de Ribeirão Preto.

Em relação às células-tronco embrionárias humanas, já

verificaram-se em recentes publicações em revistas muito bem conceituadas (Nature, Reproduction, Lancet, etc.) que, quando injetadas em ratos, ocasionaram teratomas (tumores de diversas linhagens celulares) em até 50% dos animais. Além de várias anomalias genéticas, também vistas no câncer, através de pesquisas feitas há mais de 15 anos por laboratórios conceituadíssimos de Biologia Celular, como o da Dra. Alice Teixeira, médica da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo.

Após o anúncio, neste ano, de que cientistas coreanos conseguiram obter linhagens de células-tronco

embrionárias através de transferência nuclear (técnica de clonagem), pouco se falou sobre os meios para tal. Utilizaram-se mais de 200 óvulos para se conseguir 30 embriões e destes, apenas uma linhagem celular foi obtida. Isso quer dizer que foram retiradas as células vitais de 30 embriões. E a partir disso ressoou-se que aí estaria a real promessa de "cura" para tantas enfermidades: a clonagem "terapêutica".

Recentemente foi aprovada pelo Senado Federal a pesquisa de células-tronco de milhares de embriões congelados por 3 anos ou mais que "sobraram", por "falta de qualidade", das clínicas de reprodução. Entretanto, aguarda-se ainda a apreciação da Câmara.

Diante disso, então, pomon-nos a refletir: será que é lícito, além de submetê-los a um congelamento que *per si* já pode lesioná-los, retirar toda sua potencialidade vital? Para as Ciências Biológicas a vida se inicia, indubitavelmente, na concepção, ou seja, na união dos patrimônios genéticos dos gametas masculino e feminino, constituindo um novo e único ser. Isso não é um dogma religioso ou pensamento filosófico: é uma lei natural!

"Quem não tem quiabo não oferece caruru".

"Mania de grandeza é a desses suplementos literários que têm um aviso dizendo que é proibido vender separadamente".

"Pode-se dizer a maior besteira, mas se for dita em latim muitos concordarão".

"Mulher expondo teoria sobre educação infantil na certa é solteira".

(Frases do humorista Stanislaw Ponte Preta, pseudônimo de Sérgio Porto)

Será que é lícito submeter os seres humanos a uma terapia que sacrifica outros seres humanos e ainda sujeitá-los a todos os efeitos potencialmente adversos para tal como a rejeição imunológica e o risco de tumores? Será que é lícito aliviar o sofrimento de uns com o extermínio de muitos? O uso de embriões humanos em pesquisa é um meio sem fins que o justifique, por mais nobres que sejam.

Se já existem avanços consideráveis com a pesquisa das células-tronco adultas, porque não estimulá-las, financiá-las e divulgá-las na mídia com maior ressonância? Talvez seja porque a Ciência está diante de um mercado cada vez mais ganancioso que não está para servir ao homem, e sim, para o homem servir à Ciência como objeto de pesquisa e comercialização.

*Médico geneticista do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP de Ribeirão Preto. Título de especialista em Genética Clínica pela Sociedade Brasileira de Genética Clínica, Associação Médica Brasileira e Conselho Federal de Medicina.

OS FOTÓGRAFOS



"Mini-saia no Corcovado"

Com esta foto deliciosamente irreverente, Octales Gonzáles foi premiado em concurso de fotografias.

Talvez ainda não tenhamos nos dedicado a pensar sobre um fato evidente, mas pouco reconhecido e ainda menos discutido em nossa literatura e em nossos círculos domésticos e públicos. Trata-se da "vida de casal" como uma experiência nova na história da família, uma experiência sem antecedentes, pelo menos desde há mais de 4 mil anos, que é o tempo que dura o patriarcado. Neste sentido, o psiquiatra colombiano Luís Carlos Restrepo faz excelentes reflexões que merecem ser aqui destacadas.

Ser casal é coisa nova...

Deonira L. Viganó La Rosa

Vida de casal é experiência nova na história da família

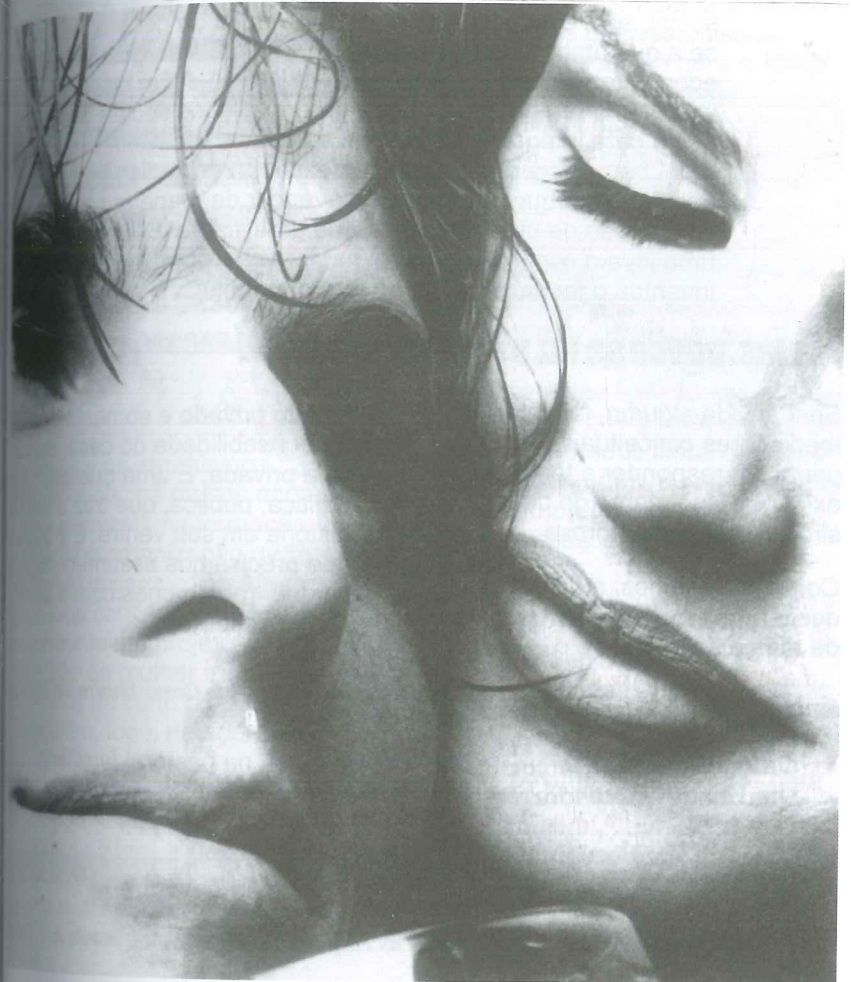
Somente a proclamação da igualdade entre os sexos, formulada há poucas décadas, e ainda não totalmente alcançada, nos permite falar de "casal", ou seja, de uma mulher e de um homem que estabelecem entre si *relações de igualdade*. Até nossas mães e avós, desprovidas de direitos civis e tratadas como menores de idade em sua situação de cidadãs, não se podia falar de "casal". O matrimônio era por essência *uma relação desigual* na qual primava o poder masculino. Só a partir dos anos 50 é que podemos falar propriamente de casal. Antes o casamento era, inclusive legalmente, uma relação desigual. Sem direitos de cidadã, a mulher não podia aspirar a uma relação de igualdade amorosa com o marido.

Casal é invento inacabado

Nessa linha de reflexão, pode-se dizer que o casal é um invento que não acabou ainda de forjar-se. Todos tentamos, nas últimas décadas, tornar realidade o sonho do casal. As dificuldades neste sentido são conhecidas e

talvez, nos falte partir para uma discussão pública sobre o tema. A relação entre os gêneros é um problema político e traz nas entranhas uma história de dominação masculina. Em nossos dias ainda se fala e se vive a "guerra dos sexos". Homem e mulher são frutos de um contexto cultural onde "natural" é a relação opressor / oprimido.

Cabe à nossa geração por em prática as consequências afetivas desta igualdade entre sexos, experiência acompanhada de um sem número de equívocos. Ainda, na prática, os avanços são pequenos e continuamos com esquemas mentais fiéis a velhos modelos de relação inter-pessoal, infestados de chantagens afetivas e de pressões que, muitas vezes, convertem a necessidade amorosa em tortura cotidiana.



Exige-se do casal ...

As conquistas femininas põem em cheque o histórico modelo de relacionamento entre homem e mulher, especialmente no matrimônio, e provocam mudanças. A sociedade, por sua vez, passa a *idealizar esta relação* o que permite ao mundo contemporâneo descarregar sobre o casal grande parte da segurança afetiva que precisamos encontrar na vida diária.

Exige-se do casal que mantenha o amor, acompanhado de uma intensidade crescente e ininterrupta em suas relações sexuais; pressiona-se para que defenda a dependência afetiva que caracteriza o casal e, ao mesmo tempo, mantenha a independência pessoal no plano da auto-realização e na vida social, sem esquecer a defesa dos direitos de gênero; compete-se a que ambos assumam igualmente a co-gestão econômica fazendo crescer seu patrimônio. Além disso, se lhes impõe a tarefa de ser pais que gerem sujeitos sociais brilhantes e aptos para integrar-se à dinâmica de mercado. Com esta carga toda, bem depressa o casal fica exausto, estendido no campo de batalha, sem que tenha podido avançar de maneira sólida na construção de uma relação íntima gratificante. Será por isso que uma jovem esposa indagava, há poucos dias: "Diga-me quem inventou o feminismo que eu quero matá-la"?

... mas, pouco se faz para ajudar o casal

Sem dúvida alguma, faltam mediadores conceituais que nos permitam responder a tão dissímeis exigências no marco de uma simples relação amorosa.

Como já dissemos, a discussão deste problema deve ser pública e de toda a sociedade e não de

âmbito privado e somente de responsabilidade do casal em sua vida privada. É uma questão política, pública, que traz o peso da história em seu ventre. E é assim que precisamos assumi-la, todos os que trabalhamos com a família, com o casal.

**Terapeuta de Família e de Casal. Mestre em Psicologia*

- **Ouvimos** os casais, em nossos encontros ou na pastoral familiar?
- Que tipo de **mediadores** somos ?

"Quando a gente pensa que sabe todas as respostas, vem a vida e muda as perguntas".

Revolução feminina uma nova agenda

Marcelo Barros* e Arcelina Helena**

A quase totalidade da produção agrícola que alimenta o povo da África é semeada, cultivada, colhida e preparada por mulheres. Mesmo grávidas ou com filhos recém-nascidos amarrados às costas, as africanas não temem o sol tropical, nem o peso da enxada ou a escassez de água.

As ONGs e os organismos internacionais, há muitos anos, preferem investir na formação, educação e organização das mulheres do campo, na África e nos outros continentes. O investimento em projetos de promoção da mulher traz resultados de curto prazo que repercutem, logo, na sobrevivência das famílias.

Um voluntário, com 30 anos de serviços na África e dezenas de malárias, assim resumiu o seu amor e a sua visão de um futuro possível para esse continente tão sofrido:

"No mundo inteiro, a humanidade deveria erigir monumentos a mulher africana. Ela gera a vida e depois, com cuidado de mãe, a preserva em meio às guerras, miséria, doenças. A solução para a África passa forçosamente pelo reconhecimento e fortalecimento do papel da mulher em todos os níveis sociais, econômicos e políticos."

Os monumentos às mulheres deveriam reforçar, nos traços do seu rosto, suas características geradoras e preservadoras da vida, sua generosidade materna, solidária e seu instinto naturalmente pacifista. As que geram a vida, não desejam ver seus filhos mortos em guerras absurdas, ou no desespero do desemprego que leva à criminalidade e às drogas.

No Brasil, as mulheres iniciaram o século analfabetas, sem direito ao voto, economicamente dependentes, em tudo submissas ao homem e julgadas inferiores ao lado das crianças e dos índios. Cem anos foram suficientes para desmontar todos esses preconceitos, conquistar espaços na política, na economia, na produção cultural. A revolução feminina do século XX, no Brasil e no mundo,

representa, sem dúvida um salto de qualidade na história da humanidade.

Mas a mulher, geradora de vida e amante da paz, não se sente bem neste mundo dilacerado por guerras, corridas armamentistas, ausência de solidariedade entre os povos, predomínio da intolerância, destruição da vida e da natureza. Como não se sentia bem no mundo que a oprimia e a discriminava.

Uma nova agenda passa a predominar os movimentos feministas, com propostas voltadas para ecologia e para a paz. É possível prever, para breve esperamos, uma nova revolução de mulheres liderando um movimento internacional pela paz e contra tudo que destrói a vida. A sabedoria popular está sempre a lembrar que metade do mundo é constituída de mulheres e que a outra metade por filhos de mulher. As mulheres são a maioria em instituições que formam os corações e as mentes: nas escolas primárias, nos serviços voluntários e da área de saúde, nas Igrejas. Agora conquistaram a maioria em outros setores, como os meios de comunicação de massa.

**Monge beneditino, teólogo, escritor. **Teóloga Leiga*

A mulher na Igreja.

Este será um dos muitos desafios para o novo papa. Cresce a insatisfação contra os limites milenares impostos à participação das mulheres no governo da Igreja. Não se trata apenas do tabu da ordenação de mulheres que também presidiam a partilha do pão nas casas das primeiras comunidades cristãs. Trata-se da presença do feminino nas instâncias que decidem os caminhos e doutrinas da Igreja.

Mas as mulheres são, principalmente, a forte presença nos lares, local da primeira formação das crianças.

A nova revolução das mulheres pode questionar o serviço militar e propor, em substituição, um serviço social. Pode diminuir a audiência de todos os programas de TV que valorizam a violência e exigir a utilização dos meios de comunicação de massa para projetos culturais e de educação. Pode questionar o orçamento da união que destina mais verbas para os projetos de guerra do que para os de paz.

As mulheres podem, sim, não só afirmar que um outro mundo é possível, mas também liderá-lo no caminho da paz e da justiça para todos. E os homens que amam a vida e as mulheres poderão aproveitar essa revolução para se libertar do machismo que também os oprime. E, finalmente, desfrutarem todos, homens e mulheres, das belezas da criação de Deus e da criatividade dos humanos, numa grande roda de ternura e cuidado mútuo por todos os seres vivos.

Um casal de amigos enviou-me um fax com um pedido: que lhes mandasse os nomes dos livros que tenho sobre o medo. Explicaram a razão do pedido: tinham medo... E pensavam que pela leitura daquilo que sobre o medo se escreveu como ciência e filosofia, o seu próprio medo ficaria mais leve.

Tenho medo...

Rubem Alves

Procurei fazer o que me pediam. Pus a funcionar os arquivos da minha memória, procurando identificar os livros sobre o medo que estariam na minha biblioteca. Inutilmente. Nenhum título me veio à mente. Dei-me conta de que não possuía nenhum livro sobre o medo.

Sem livros a que recorrer, pus-me a pensar meus próprios pensamentos sobre o medo. E o primeiro pensamento que me veio foi o seguinte: Eu tenho medo. Eu sempre tive medo. Viver é lutar diariamente com o medo. Talvez esse seja o sentido a lenda de São Jorge, lutando com o dragão. O dragão não morre nunca. E a batalha se repete, a cada dia.

Como não pudesse ajudar meus amigos com bibliografia filosófica e científica, resolvi compartilhar com eles minha condição. O medo tem muitas faces. Lembro-me de que, bem pequeno ainda, acordei chorando, imaginando que um dia eu estaria sozinho no mundo. Foi uma dura experiência de abandono. Tive medo de não ser capaz de ganhar a minha vida quando meu pai e minha mãe partissem. Na verdade eu tinha era medo da orfandade, do abandono.

Minha filha Raquel tinha não mais que três anos. Era cedo, bem cedo. Ela me acordou e me perguntou: "Papai, quando você morrer você vai sentir saudades?"

Essa foi a forma

delicada que ela teve de me dizer que tinha medo da saudade que ela iria sentir, quando eu partisse. O rosto do medo mudou. Mas o sentimento continua o mesmo.

Tenho medo da solidão. Há uma solidão boa. É a solidão necessária para ouvir música, ler, pensar, escrever. Mas há a solidão do abandono. Buber relata que, numa língua africana, a palavra para dizer "solidão" é composta de uma série de palavras aglutinadas que, se traduzidas uma a uma, dariam a frase: *Lá, onde alguém grita: Oh! mãe! Estou perdido!* O trágico dessa palavra é que o grito nunca será ouvido, nunca terá resposta.

Tenho medo da degeneração estética da velhice. Tenho medo que um derrame me paralise, deixando-me sem meios de efetivar a decisão que seria sábia e amorosa: partir. Tenho medo da morte. Antigamente esse medo me atormentava diariamente. Depois ele se tornou gentil. Ficou suave. Passei a compreender que a morte pode ser uma amiga.

Veio-me à mente uma frase que se encontra na oração Pelos que vão morrer, de Walter Rauschenbusch: "Ó Deus, nós te louvamos porque para nós a morte não é mais uma inimiga, e sim um grande anjo teu, nosso amigo, o único a poder abrir, para alguns de nós, a prisão da dor e do sofrimento e nos levar para os espaços imensos de uma nova vida. Mas nós somos como crianças, com medo do escuro..." (Orações por um mundo melhor, Paulus).

O Vinícius disse a mesma coisa de um outro jeito: "Resta esse diálogo cotidiano com a morte, esse fascínio pelo momento a vir, quando, emocionada, ela virá me abrir a porta como uma velha amante, sem saber que é a minha mais nova namorada." Boas são as palavras das orações e dos poemas: elas têm o poder de transfigurar a face do medo. Meu medo da morte ficou suave porque o seu terror foi amenizado pela tristeza.

Ah! Mário Quintana! Como eu gosto de você, velho que nunca deixou de ser menino! Você sabia tirar o terror do medo rindo diante dele. Você lidava com seus medos como se fossem brinquedos.

Delicioso, esse brinquedinho: "Um dia...pronto!...me acabo./ Pois seja o que tem de ser./ Morrer: que me importa? O diabo é deixar de viver!" Isso mesmo. O terrível não é morrer; é deixar de viver. O terrível não é o que está à frente; é o que deixamos para trás. É um desafio ter de deixar essa vida! Zorba, quando percebeu que seu momento chegara, foi até a janela, olhou para as montanhas no horizonte, pôs-se a relinchar como um cavalo e gritou: "Um homem como eu teria de viver mil anos!" E eu pergunto: "Por que tanta modéstia? Por que só mil?"

Mas tenho medo do morrer. Medo da morte e medo do morrer são coisas distintas. O morrer pode ser doloroso, longo, humilhante. Especialmente quando os médicos não permitem que o corpo que deseja morrer, morra.

Tenho medo também da loucura. Não há sinal algum de que eu vá ficar louco. Mas nunca se sabe! Muitas mentes luminosas ficaram insanas. E tenho medo de que algo ruim venha a acontecer com meus filhos e netas. Sábias foram as palavras daquele homem que, no livro onde deveriam ser escritos os bons desejos à recém-nascida neta do rei, escreveu: "Morre o avô, morre o pai, morre o filho..." Enfurecido, o rei lhe pede explicações. "Majestade: haverá tristeza maior para um avô que ver o seu filho morrer? E para o seu filho: haveria tristeza maior que ver sua filhinha morrer? É preciso que a morte aconteça na ordem certa..." Tenho medo de que a morte não aconteça na ordem certa.

Somos iguais aos animais, em que as mesmas coisas terríveis podem acontecer a eles e a nós. Mas somos diferentes deles porque eles só sofrem como se deve sofrer, isto é, quando o terrível acontece. E nós, tolos, sofremos sem que ele tenha acontecido. Sofremos imaginando o terrível. O medo é a presença do terrível-não-acontecido, se apossando das nossas vidas. Ele pode acontecer? Pode. Mas ainda não aconteceu e nem se sabe se acontecerá.

Curioso: nós, humanos, somos os únicos animais a ter prazer no medo. A colina suave não seduz o alpinista. Ele quer o perigo dos abismos, o calafrio das neves, a sensação de solidão. A terra firme, tão segura, tão sem medo, tão monótona! Mas é o mar sem fim que nos chama: "A solidez da terra, monótona, parece-nos fraca ilusão. Queremos a ilusão do grande mar, multiplicada em suas malhas de perigo..." (Cecília Meireles).

A pomba, que por medo do gavião, se recusasse a sair do ninho, já se teria perdido no próprio ato de fugir do gavião. Porque o medo lhe teria roubado aquilo que de mais precioso existe num pássaro: o voo. Quem, por medo do terrível, prefere o caminho prudente de fugir do risco, já nesse ato estará morto. Porque o medo lhe terá roubado aquilo que de

mais precioso existe na vida humana: a capacidade de se arriscar para viver o que se ama.

O medo não é uma perturbação psicológica. Ele é parte da nossa própria alma. O que é decisivo é se o medo nos faz rastejar ou se ele nos faz voar. Quem, por causa do medo, se encolhe e rasteja, vive a morte na própria vida. Quem, a despeito do medo, toma o risco e voa, triunfa sobre a morte. Morrerá, quando a morte vier. Mas só quando ela vier. Esse é o sentido das palavras de Jesus: "Aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á. Mas quem perder a sua vida, a encontrará." Viver a vida, aceitando o risco da morte: isso tem o nome de coragem. Coragem não é ausência do medo. É viver, a despeito do medo.

Houve um tempo em que eu invocava os deuses para me proteger do medo. Eu repetia os poemas sagrados para exorcizar o medo: "Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum..." "Mil cairão à tua direita, dez mil à tua esquerda, mas nenhum mal te sucederá..." A vida me ensinou que esses consolos não são verdadeiros. Os deuses não nos protegem do medo. Eles nos convidam à coragem de viver a despeito dele.

**Escritor, poeta, psicanalista.*

"As crianças são a luz do lar. Deixam sempre as luzes acesas..." (Aldo Cammarota).

O Financial Times, de Londres, noticiou que a Young & Rubican, uma das maiores agências de publicidade do mundo, divulgou a lista das dez grifes mais reconhecidas por 45.444 jovens e adultos de 19 países. São elas: Coca-Cola (35 milhões de unidades vendidas a cada hora), Disney, Nike, BMW, Porsche, Mercedes-Benz, Adidas, Rolls-Royce, Calvin Klein e Rolex.

Consumismo, a nova religião

"As marcas constituem a nova religião. As pessoas se voltam para elas em busca de sentido", declarou um diretor da Young & Rubican. Disse ainda que essas grifes "possuem paixão e dinamismo necessários para transformar o mundo e converter as pessoas em sua maneira de pensar".

A Fitch, consultoria londrina de design, no ano passado realçou o caráter "divino" dessas marcas famosas, assinalando que, aos domingos, as pessoas preferem o shopping à missa ou ao culto.

Em favor de sua tese, a empresa evocou dois exemplos: desde 1991, cerca de 12 mil pessoas celebraram núpcias nos parques da Disneyworld, e estão virando moda os féretros da marca Halley,

nos quais são enterrados os motoqueiros fissurados em produtos Halley-Davidson.

A tese não carece de lógica. Marx já havia denunciado o fetiche da mercadoria. Ainda engatinhando, a Revolução Industrial descobriu que as pessoas não querem apenas o necessário. Se dispõem de poder aquisitivo, adoram ostentar o supérfluo. A publicidade veio ajudar o supérfluo a impor-se como necessário. A mercadoria passa a ser intermediária na relação entre seres humanos (pessoa-mercadoria-pessoa). Se chego à casa de um amigo de ônibus, meu valor é inferior ao de quem chega de BMW. Isso vale para a camisa que visto ou para o relógio que trago no pulso. Não sou eu, pessoa humana, que faço uso do objeto. É o produto, revestido de fetiche, que me imprime valor, aumentando a minha cotação no mercado das relações sociais. O que faria um Descartes neoliberal proclamar: "Consumo, logo existo". "Fora do mercado não

há salvação, alertam os novos sacerdotes da idolatria consumista.

Essa apropriação religiosa do mercado é evidente nos shoppings centers, tão bem criticados por José Saramago em *A Caverna*. Quase todos possuem linhas arquitetônicas de catedrais estilizadas. São os templos do deus mercado. Neles não se entra com qualquer traje, e sim com roupa de missa de domingo. Percorrem-se os seus claustros marmorizados ao som do gregoriano pós-moderno, aquela musiquinha de esperar dentista. Ali dentro, tudo evoca o paraíso: não há mendigos nem pivetes, pobreza ou miséria. Com olhar devoto, o consumidor contempla as capelas que ostentam, em ricos nichos, os

veneráveis objetos de consumo, acolitados por belas sacerdotisas. Quem pode pagar à vista se sente no céu; quem recorre ao cheque especial, ou ao crediário, no purgatório; quem não dispõe de recurso, no inferno. Na saída, entretanto, todos se irmanam na mesa "eucarística" do McDonald's.

A Young & Rubican comparou as agências de publicidade aos missionários que difundiram pelo mundo religiões como o cristianismo e o islamismo. "As religiões eram baseadas em idéias poderosas que conferiam significado e objetivo à vida", declarou o diretor da agência inglesa. A fé imprime sentido subjetivo à vida, objetivando-a na prática do amor, enquanto um



produto cria apenas a ilusória sensação de que, graças a ele, temos mais valor aos olhos alheios. O consumismo é a doença da baixa auto-estima. Um São Francisco de Assis ou um Gandhi não necessitava de nenhum artifício para centrar-se em si e descentrar-se nos outros e em Deus.

O pecado original dessa nova "religião" é que, ao contrário das tradicionais, ela não é altruísta, é egoísta; não favorece a solidariedade mas sim a competitividade; não faz da vida um dom, mas posse.

E o que é pior: acena com o paraíso na Terra e manda o consumidor para a eternidade completamente desprovido de todos

- ❖ *Estamos mesmo envolvidos nessa onda consumista? Se estamos... há como escapar?*
- ❖ *Quais as consequências do consumismo obsessivo sobre as finanças domésticas e sobre a natureza a preservar?*
- ❖ *Colocar a busca de felicidade na posse e consumo de bens pode dar bom resultado? Ou frustrações?*

Quem é que vem primeiro, o jardim ou o jardineiro? É o jardineiro. Havendo um jardineiro, mais cedo ou mais tarde um jardim aparecerá. Mas havendo jardim sem jardineiro, mais cedo ou mais tarde o jardim desaparecerá. Jardineiro é uma pessoa que pensa jardins. O que faz um jardim são os pensamentos do jardineiro. O que faz um povo são os pensamentos daqueles que o compõem. (Rubem Alves).

os bens que acumulou deste lado da vida.

A crítica do fetiche da mercadoria data de oito séculos antes de Cristo, conforme este texto do profeta Isaías: "O carpinteiro mede a madeira, desenha a lápis uma figura, trabalha-a com o formão e aplica-lhe o compasso". Faz a escultura com medidas do corpo humano e com rosto de homem, para que essa imagem possa estar num templo de cedro. (...) O próprio escultor usa parte dessa madeira para esquentar e assar seu pão; e também fabrica um deus e diante dele se ajoelha. (...) e faz uma oração, dizendo: 'Salva-me, porque tu és o meu deus!'" (44,13-17).

Da religião do consumo não escapa nem o consumo da religião, apresentada como um remédio miraculoso, capaz de aliviar dores e angústias, garantir prosperidade e alegria. Enquanto isso, "Ele tem fome e não lhe dão de comer" (Mateus 25, 31-40).

Pequenos gestos

É curioso observar como a vida nos oferece resposta aos mais variados questionamentos do cotidiano...Vejam:

A mais longa caminhada só é possível passo a passo...

O mais belo livro do mundo foi escrito letra por letra, palavra por palavra...

Os milênios se sucedem, segundo a segundo... As mais violentas cachoeiras se formam de pequenas fontes...

A imponência do pinheiro e a beleza do ipê começaram ambas na simplicidade das sementes... Não fosse a gota, não haveria chuvas...

O mais singelo ninho se fez de pequenos gravetos e a mais bela construção não se teria efetuado senão a partir do primeiro tijolo...

As imensas dunas se compõem de minúsculos grãos de areia...

Como já refere o adágio popular, nos menores frascos se guardam as melhores fragrâncias...

É quase incrível imaginar que apenas sete notas musicais e cinco meios-tons tenham dado vida à "Ave Maria", de Schubert e à "Aleluia", de Haendel... O brilhantismo de Einstein e a ternura de Tereza de Calcutá tiveram que estagiar no período fetal e nem mesmo Jesus, expressão maior de Amor, dispensou a fragilidade do berço...

Assim também o mundo de paz, de harmonia e de amor com que tanto sonhamos só será construído a partir de pequenos gestos de compreensão, solidariedade, respeito, ternura, fraternidade, benevolência, indulgência e perdão, dia a dia... Ninguém pode mudar o mundo, mas podemos mudar uma pequena parcela dele: esta parcela que chamamos de "Eu".

Não é fácil nem rápido...Mas vale a pena tentar!

Autor desconhecido

Aprendendo nas quedas

Por que será que nos lamentamos tanto quando nos decepcionamos, perdemos e erramos? O mundo não acaba quando nos enganamos; ele muda, talvez, de direção. Mas precisamos tirar partido dos nossos erros. Por que tudo teria que ser correto, coerente, sem falhas? As quedas fazem parte da vida e do nosso aprendizado dela.

Que dói, dói. Ah! Isso não posso negar! Dói no orgulho, principalmente. E quanto mais gente envolvida, mais nosso orgulho dói. Portanto, o humilhante não é cair, mas permanecer no chão enquanto a vida continua seu curso. O problema é que julgamos o mundo segundo nossa própria maneira de olhar e nos esquecemos que existem milhões e milhões de olhares diferentes do nosso. Mas não está obrigatoriamente errado quem pensa diferente da gente só porque pensa diferente. E nem obrigatoriamente certo.

Todo mundo é livre de ver e tirar suas próprias conclusões sobre a vida e sobre o mundo. Às vezes acertamos, outras erramos. E somos normais assim. Então, numa discussão, numa briga, pare um segundo e pense: "e se eu estiver errado?" É uma possibilidade na qual raramente queremos pensar.

Nosso "eu" nos cega muitas vezes. Nosso ciúme, nosso orgulho e até, por que não, nosso amor. Não vemos o lado do outro e nem queremos ver. E somos assim, muitas vezes injustos tanto com o outro quanto com a gente mesmo, já que nos recusamos a oportunidade de aprender alguma coisa com alguém. E é por que tanta gente se mantém nessa posição que existem desavenças,

Aprendendo nas quedas

guerras, separações. Ninguém cede e as pessoas acabam ficando sozinhas. E de que adianta ter sempre razão, saber de tudo, se no fim o que nos resta é a solidão?

Vida é partilha. E não há partilha sem humildade, sem generosidade, sem amor no coração. Na escola, só aprendemos porque somos conscientes de que estamos lá porque não sabemos ainda; na vida é exatamente a mesma coisa. Se nos fecharmos, se fecharmos nossa alma e nosso coração, nada vai entrar. E será que conseguiremos nos bastar a nós mesmos? Eu duvido.

Não andamos em cordas bamba o tempo todo, mas às vezes é o único meio de atravessar. Somos bem mais resistentes do que julgamos; a própria vida nos ensina a sobreviver, viver sobre tudo e sobretudo.

Nunca duvide do seu poder de sobrevivência! Se você duvida, cai. Aprenda com o apóstolo Pedro que, enquanto acreditou, andou sobre o mar, mas começou a afundar quando sentiu medo. Então, afundar ou andar sobre as águas? Depende de nós, depende de cada um em particular. Podemos nos unir em força na oração para ajudar alguém, mas só esse alguém pode decidir a ter fé, força e coragem para continuar essa maravilhosa jornada da vida. (Letícia Thompson).

AMAR

...uma extraordinária aventura

Pr. Marcio Rosa

Quando jovem, Hilda Hirst era uma mulher belíssima, estudava na festejada Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, berço de poetas, literatos, pensadores e políticos de renome, e era cortejada por homens ilustres.

Na velhice, seu olhar era de desencanto e desilusão. Suas palavras, amargas e rancorosas. Em determinado momento de sua vida retirou-se para um sítio no interior de São Paulo e passou a ter uma vida reclusa. Não cuidava mais da aparência, não cultivava nenhum relacionamento, como ela mesma disse: "puxei os cabelos para trás e comecei a usar batas e a me enfeiar". Não se casou, não teve filhos e vivia na companhia de seus 64 cães. No fim da vida reclamava da solidão, ostracismo e do fato de seus cães não poderem se expressar.

Com esta notícia, fiquei refletindo que não basta cantar, escrever ou enaltecer o amor, é preciso vivê-lo, com todos os riscos inerentes a essa aventura. Quando nos dispomos a

amar, corremos o risco da decepção, da desilusão, da incompreensão, da falta de reciprocidade. Mas se soubermos cultivar o amor, colheremos os frutos do aconchego nos momentos de tristeza, do apoio nas dificuldades, do compartilhamento das alegrias.

Casamento dá trabalho. Renúncia, cuidado, mudança de hábitos, afinal são duas pessoas diferentes, com culturas e criações diversas que se unem, o que certamente gera atritos. Mas é uma aventura extraordinária, algo projetado e concretizado por Deus em nossas vidas. É uma união de corpos, almas, sentimentos, vidas, projetos.

E os filhos? Claro que é mais cômodo não tê-los. Alguém já disse: "filhos, melhor não tê-los, mas se não temos, como sabemos?". Se não os tiver você jamais experimentará o contentamento de ouvir uma criança chamá-lo de pai, o carinho de um filho amoroso ou não sofrerá jamais a "síndrome do ninho vazio" quando eles o deixarem.



Mas o amor é assim. Com Deus aprendemos a amar de maneira desinteressada, a nos relacionar de maneira graciosa. Assim é o amor de Deus por nós. Ainda que eu o abandone, não corresponda aos seus ideais para mim, seja um filho ingrato, mesmo assim Deus

continuará me amando e esperando por mim de braços abertos.

A maior das virtudes é o amor, como disse Paulo, o apóstolo. Nada vale a pena ou é digno de louvor se não houver amor. Vale a pena amar. Invista nos seus relacionamentos, no seu casamento, nos seus filhos, na sua família. Esta é a vontade de Deus para sua vida. Não troque as aventuras e desventuras dos relacionamentos pelo condicionamento mecânico dos animais de estimação, pela frieza da solidão.

Faça amigos, tenha uma família, tenha irmãos verdadeiros segundo a fé e, principalmente, cultive seu relacionamento com Deus, para que você descubra e experimente um pouquinho do inexplicável e imensurável amor de Deus.

Certamente, no final de sua vida, você não ficará se queixando do diálogo monótono com os seus cachorros, como, infelizmente, fez Hilda Hilst.

(*Pastor da Igreja Betesda, Boa Vista, Roraima. Publicado no jornal Folha de Boa Vista, Roraima)

- ❖ Como apreciamos as considerações do autor deste artigo?
- ❖ São comuns essas situações de solidão de idosos que não cultivaram o amor nas relações familiares ao longo da vida?
- ❖ A redução do tamanho das famílias também contribui para que a solidão se instale na vida dos mais idosos?
- ❖ Há algum serviço social ou de igreja que assista a idosos em situação de solidão em nossa cidade? Se não existe, é possível criá-lo?

Relações interpessoais e saúde

Conceituado professor do Laboratório de Mídia do Instituto de Tecnologia de Massachussets afirma que novas tecnologias prometem mudanças radicais no acompanhamento do estado de saúde de uma pessoa. Refere-se à utilização de conectivos - um relógio de pulso, por exemplo - capazes de detectar um ataque do coração que se aproxima, enviar sinais a um hospital e convocar atendimento imediato.

Deonira L. Viganó La Rosa*

Mas, o que chama especial atenção é a segunda parte da publicação. Os pacientes que passarão por cirurgias cardíacas terão de responder a duas perguntas: (1) Você tem um(a) cônjuge, amante ou confidente? (2) Você faz parte regular de um grupo (igreja, sinagoga, boliche)? Seis meses mais tarde, aqueles que responderam *sim* a ambas perguntas têm chance de sobrevivência sete vezes maior.

Esses estudos sugerem que *tecnologias conectivas*, que ajudem a ver melhor o que somos e a compartilhar essa imagem com aqueles próximos de nós, podem realmente funcionar.

Não convém perder a consciência de que os conectivos que nos avisarão de algum mal cardíaco estarão, pelo mesmo pulso,

confidenciando-nos como anda nossa saúde emocional, psicológica e espiritual. Somos um sistema único e quando uma das partes se altera, todo o sistema sofre e se desestrutura.

Quem de nós não lembra o que aprendeu nos bancos escolares sobre os *conectivos* ou *conjunções aditivas*? São justamente aquelas palavrinhas que estabelecem uma relação de *soma*, *unindo* dois termos ou frases. Por analogia, *unir, juntar, conectar, confiar, agrupar, conversar, confidenciar, aproximar, amar, compartilhar...* são ações que aumentam nossa sobrevivência em sete vezes.

Ações que previnem mortes por colapso cardíaco e outras tantas mortes, entendidas em categorias diversas. Mortes precedidas pelas lentas agonias da carência afetiva, da fome, da solidão, do desprezo, da exclusão, do desemprego, do baixo salário.

A prevenção, através dessas ações, é simples? Nem tanto, já que desde os primórdios o homem tem tido

dificuldades em relacionar-se com seus semelhantes. Contudo, a afirmação do professor parece suficiente para provocar em nós a decisão de otimizar nossa convivência, diminuindo o estresse, os conflitos, isolamentos e desencontros. E haveria lugar melhor que a família, ou que o grupo de igreja e de vizinhos, para ser um laboratório de experiências conectivas, experiências de *partilha*? Em particular, quem melhor que seu marido, sua mulher, para ser esse/essa amante/confidente?

Temos, dentro de casa, não uma *palha*, mas *mega-doses*, ou

• Talvez ainda não tivéssemos dado conta do efeito saudável das boas relações familiares e sociais para a prevenção de problemas cardíacos...
Como aumentar a dosagem desse tônico do coração?

ALGO QUE TODO MUNDO DEVE SABER:

Será que é derrame?

Às vezes os sintomas de um derrame são difíceis de identificar. Infelizmente a falta de reconhecimento provoca um estrago. A vítima de um derrame pode sofrer danos cerebrais quando as pessoas em redor não reconhecem os sintomas do derrame. Agora os médicos contam que uma pessoa que convive com a pessoa em questão pode reconhecer o derrame mediante três testes simples: 1. Peça à pessoa para rir. 2. Peça para levantar os dois braços. 3. Peça para falar uma frase simples. Se ele/ela tem dificuldade com um destes testes, chame imediatamente o pronto socorro e conte a quem atende ao telefone os sintomas. Depois de descobrir que um grupo de voluntários não-médicos, possa identificar um problema facial, um problema nos braços ou dificuldade em falar, cientistas querem ensinar ao público em geral os três testes. Eles apresentaram suas conclusões na American Stroke Association na reunião anual em fevereiro de 2004. O uso comum destes testes pode dar oportunidade de uma diagnose imediata para um tratamento de derrame, e prevenir um prejuízo do cérebro.

gigabytes de prevenção para a saúde de nosso coração.

Interessante observar que, ainda que apareçam tecnologias inéditas, nunca funcionam isoladas do contexto pessoal, da unidade da pessoa. Há uma relação circular entre tudo o que acontece conosco. Por isso, a cura do coração também está na boa educação, na tolerância, no bate-papo, na vivência pacífica e compartilhada entre marido e mulher, e, por extensão, entre todos os irmãos.

*Terapeuta de Casal e Família. Mestre em Psicologia.
E-mail: jordeon@orion.ufrgs.br

O sagrado e a palavra

Incríveis os acontecimentos de Kaduna, na Nigéria. Milhares de fundamentalistas islâmicos contrários à realização do concurso de "miss mundo" naquele país provocaram, distúrbios de rua que terminaram com mais de 150 cadáveres.

A maior parte das vítimas foram mortas, aleatoriamente, com golpes de faca. Tudo porque, segundo a "palavra sagrada" do Corão, mulheres não poderiam aparecer em público com seu corpo à mostra. Um desfile de biquíni, então, só pode ser interpretado como um sacrilégio. Na Nigéria e em outras nações muçulmanas os tribunais costumam condenar mulheres por condutas como o adultério. A pena, nesses casos, é a morte por apedrejamento.

A idéia de uma "palavra sagrada" diante da qual todo e qualquer comportamento dissonante seja, necessariamente, expressão da maldade é, em si mesma, uma ameaça à civilização. Felizmente, a maioria dos cristãos modernos não tem diante da Bíblia um comportamento semelhante. (A

maioria, eu disse). Um pouco de Lucidez nos permite identificar nos livros bíblicos os testemunhos de uma época e mesmo a fé mais ardorosa deverá manter, especialmente diante do Antigo Testamento, a necessária autonomia crítica.

Não fosse assim, nossas próprias vidas seriam impossíveis. Uma perspectiva dogmática entre os cristãos que fosse equivalente a dos radicais muçulmanos nos permitiria, por exemplo, "vender nossas filhas como escravas" (Êxodo 21:7) ou "possuir escravos adquiridos de nações vizinhas" (Levítico 25: 44).

Seria difícil, caso fôssemos seguir instruções do tipo, convencer as mulheres de que, durante o período menstrual, elas não devam ser tocadas, nem seus pertences, nem seu leito (Levítico 15: 19-24). Na Bíblia, (Êxodo 35: 2), se afirma, claramente, que aquele que trabalhar aos sábados deve ser morto.

Segundo Levítico (19:27), os homens não devem "cortar o cabelo em redondo, nem danificar as extremidades da barba". No mesmo capítulo desse livro, somos proibidos de "ferir nossa carne ou de fazer marcas sobre elas"; brincos ou tatuagens, então, nem pensar. Mas também não deveríamos "comer nada com sangue", um alerta importante para quem aprecia uma carinha mal passada. Os agricultores que, porventura, plantem mais de uma cultura, violam as Escrituras (Levítico 19:19) e as mulheres que usem roupas feitas de dois tipos de tecido, algodão

ou poliéster, por exemplo, também. Aqueles que xingam e Blasfemam são "malditos" e, segundo Levítico 24: 10-15, deveriam ser apedrejados pela comunidade até à morte. Já o homem que se deitar com uma mulher que esteja enferma, "descoberto sua nudez", será morto. E a mulher doente também. (Levítico 20:18). E assim sucessivamente... quem que partisse do pressuposto de que essas

passagens correspondem à "vontade de Deus" se transformaria, rapidamente, em um assassino.

Para agir dessa maneira fanática, entretanto, será preciso sempre uma decisão anterior: a decisão de abdicar do pensamento, do raciocínio autônomo. A humanidade já sofreu demais por conta dessa covardia.

Não retribuimos o que consumimos para viver.

Se fizeste 21 anos, lembra-te que, até hoje, para te sustentar a existência morreram aproximadamente 2000 aves, 10 bovinos, 50 suínos, 20 carneiros e 3000 peixes diversos. Nada menos de 60.000 plantas do reino vegetal foram consumidas pela tua, incluindo-se as do arroz, milho, feijão, trigo, das várias raízes e legumes. Bebeste uns 1000 litros de leite, gastaste 7.000 ovos e comeste 10.000 frutas.

Teus explorado fartamente as famílias do ar, das águas, do solo. O preço dos teus dias nas hortas e pomares vale por uma devastação. E nem relacionamos aqui os sacrifícios maternos, os recursos de teu pai, os obséquios dos amigos e as atenções dos benfeitores que te rodeiam. Em troca, o Senhor da vida manda te perguntar o que é que fizeste de útil?

Nada deste de retorno à natureza. Lembra-te de que a própria erva encontra em serviço divino. Tudo é mensagem de serviço, de trabalho na natureza. Olha para tua mãe. Os anos já lhe pesam e ela prossegue em intensa atividade por ti e por teus irmãos, encontrando ainda tempo para se dedicar aos filhos de ninguém. Observa teu pai que atravessa os anos em labor digno, dando-te o exemplo de disciplina e vontade. Teus próprios amigos se encontram empenhados no estudo e na dedicação profissional.

Não fiques ocioso. Produze algo de bom, marcando a tua passagem pela Terra.

Fome

Ou "o que muda com um prato de comida e um emprego"

Passava do meio-dia, o cheiro de pão quente invadia aquela rua, um sol escaldante convidava a todos para um refresco. Ricardinho não agüentou o cheiro bom do pão e falou:

- Pai, tô com fome!

- O pai, Agenor, sem um tostão no bolso, desde muito cedo em busca de um trabalho, olha com os olhos molhados para o filho, e pede mais um pouco de paciência

- Mas pai, desde ontem não comemos nada, eu tô com muita fome, pai!

Envergonhado, triste e humilhado em seu coração de pai, seu Agenor pede para o filho aguardar na calçada, enquanto entra na padaria. Fala a um senhor no balcão:

- Meu Senhor, estou com meu filho de apenas 6 anos aí na porta com muita fome, não tenho nenhum tostão, saí cedo para buscar um emprego e nada até agora. Eu lhe peço que, em nome de Jesus, um pão para eu matar a fome desse menino. Em troca, posso varrer o chão da padaria, lavar os pratos e copos, ou outro serviço que o senhor precisar.

Amaro, o dono, observa aquele homem de semblante calmo e sofrido pedir comida em troca de trabalho e pede para que ele chame o filho. Ele pega o filho pela mão e o traz ao dono da padaria que logo manda servir dois pratos de comida.

Para Ricardinho, era um sonho comer depois de tantas horas na rua. Para o pai, uma dor a mais, comer e lembrar-se da esposa e mais dois filhos que ficaram em casa com apenas um punhado de fubá. Lágrimas já na primeira garfada.

A satisfação de ver seu filho devorando aquele prato simples, como se fosse um manjar dos deuses, e a lembrança de sua família em casa, foi demais para seu coração tão cansado de mais de dois anos sem emprego, só humilhações e necessidades. Amaro, percebendo a emoção daquele pai, brinca para relaxar:

- Oh, Maria, sua comida deve estar muito ruim... olha o meu amigo chorando de tristeza desse bife, deve estar uma sola de sapato...

Agenor sorri e diz que nunca comeu comida tão apetitosa, e que agradecia a Deus por ter esse prazer. Amaro pede, então, que ele se acalme, que almoce em paz e depois conversariam sobre trabalho. Mais confiante, ele enxuga as lágrimas e começa a almoçar, já que seu estômago estava nas costas.

Depois do almoço, Amaro o convida para uma conversa no escritório nos fundos da padaria. Ele conta que há mais de dois anos havia perdido o emprego e, desde então, sem uma especialidade profissional, sem estudos, ele estava vivendo de

pequenos "biscates" aqui e acolá. Mas há dois meses não conseguia nem biscates.

Amaro resolve, então, contratá-lo para serviços gerais na padaria e, penalizado, faz para o homem uma cesta básica com alimentos para pelo menos quinze dias. Ele agradece a confiança daquele homem e vai começar a trabalhar no dia seguinte.

Ao chegar em casa com toda aquela "fartura", Agenor é um novo homem: sente esperanças de que sua vida vai tomar novo impulso.

Deus estava lhe abrindo mais do que uma porta, era toda uma esperança de dias melhores. No dia seguinte, às cinco da manhã, estava na porta da padaria, para iniciar seu novo trabalho. Amaro chega logo em seguida e sorri para aquele homem, que nem ele sabia porque estava ajudando.

Tinham a mesma idade, 32 anos, e histórias bem diferentes, mas algo dentro dele chamava-o para ajudá-lo. E não se enganou:

durante anos, Agenor foi o mais dedicado trabalhador daquele estabelecimento, sempre honesto e extremamente zeloso com seus deveres.

Um dia, Amaro chama o seu empregado para uma conversa e leva da escola para a educação de adultos, um quarto acima da padaria e que fazia questão que ele fosse estudar. Até hoje ele não

consegue esquecer o primeiro dia de aula, a mão trêmula nas primeiras letras e a emoção da primeira carta.

Muitos anos se passaram desde aquele primeiro dia de aula. Vamos encontrar agora o Dr. Agenor Baptista, advogado, abrindo seu escritório em cima da padaria para seu primeiro cliente e depois outro, e mais outro.

Ao meio dia, ele sempre desce para um café com o amigo Amaro. Anos se passam e o advogado já tem um escritório grande, uma clientela que mistura os mais necessitados - que não podem pagar - e os mais abastados, que lhe pagam muito bem.

Cria uma Instituição que oferece aos pobres, pessoas desempregadas e carentes de todos os tipos, um prato de comida, diariamente, na hora do almoço. Mais de duzentas refeições são servidas cada dia no refeitório administrado por aquele seu filho, que agora é o nutricionista Ricardo Baptista.

Tudo mudou, tudo passou, mas a amizade daqueles dois homens, Amaro e Agenor, impressionava a todos que conheciam um pouco da história de cada um. Até que, aos 82 anos, os dois faleceram no mesmo dia, quase que a mesma hora, morrendo placidamente com um sorriso de paz e felicidade.

(Autor desconhecido)

Cidades de Stanislaw Ponte Preta / Sérgio Porto.

"Consciência é como vesícula, a gente só se preocupa com ela quando dói".
"Difícil dizer o que incomoda mais, se a inteligência ostensiva ou a burrice estravazante".

Foram-se as eleições municipais e o cotidiano da cidade voltou ao seu ritmo normal: arrastões, assaltos, seqüestros, assassinatos, pessoas feridas e mortas violentamente. A segurança pública continua sendo o problema número um do carioca e do brasileiro.

Segurança pública um tema suprapartidário

A violência urbana tornou-se, certamente, um dos maiores problemas que, hoje em dia, atinge a maioria das cidades brasileiras. No entanto, apesar de sua gravidade, sente-se que faltam luzes, perspectivas no seu enfrentamento e, sobretudo, idéias originais que tenham uma dimensão prática, concreta, e que possam ser traduzidas em ações efetivas.

O Brasil tem uma memória na qual se encontra a temática dos direitos humanos em lugar de honra, com seus valores e militantes. O tempo da ditadura militar colocou a militância dos direitos humanos em confronto com os defensores da

Maria Clara Lucchetti Bingemer

segurança pública, ambos trocando entre si acusações e, às vezes, até mesmo cadáveres. Há uma forte dicotomia entre essas duas tradições em nosso país. A ponto de o tema direitos humanos no Brasil ser associado com frequência, na opinião pública, a um discurso que ignora o problema da segurança e defende os bandidos e criminosos, sob alegação de motivos ideológicos.

A origem de tal oposição vem do fato de que a afirmação dos direitos humanos foi feita num momento em que o Estado, no Brasil como em outras partes do mundo, estava em

situação de totalitarismo, sob regimes de força e exceção. A afirmação dos direitos humanos era, pois, a afirmação de direitos individuais ou de grupos, diante de uma autoridade do Estado. É como se fosse a defesa do indivíduo e dos grupos contra um poder que vem de cima. Foi nesse contexto que tudo se formou, com base nas denúncias de prisões arbitrárias, de tortura, de abuso da autoridade e da violência.

Os direitos humanos se formaram nesse contexto, de defesa de direitos dos indivíduos diante de um poder externo e autoritário do Estado. É nessa posição que a temática dos direitos

humanos se firmou na nossa memória recente da segunda metade do século XX, depois da Segunda Guerra. Porém, a impostação do problema foi superada pelo processo de democratização. Neste tivemos o fim do poder autoritário, mas a continuação da violência.

O que percebemos, sobretudo nas comunidades mais pobres do Brasil e da América Latina, é que o fato de viverem em tamanha insegurança implica uma perda efetiva dos direitos básicos associados aos direitos humanos. Ou seja, numa situação de insegurança, as pessoas têm dificuldade de liberdade de expressão. Sabemos da prática da lei do silêncio, como é chamada, a qual resulta justamente da profunda insegurança em que as pessoas vivem.

O direito básico, elementar de recorrer à Justiça, e de reportar uma violência da qual se foi vítima está eliminado pela insegurança. O direito de associação, por sua vez, é muito complicado em condições de insegurança. Em muitos bairros, vemos, até mesmo, dificuldade do trânsito livre, de ir e vir. Temos, dentro de algumas das grandes cidades brasileiras, comunidades que, em certos períodos, vivem uma realidade de Estado de Sítio. Ou seja, há horário para voltar para casa correndo o mínimo de perigo possível.

Chegamos a esse nível de interferência nos direitos elementares. E a experiência que



A campanha pelo desarmamento é uma esperança de redução da violência: o povo vai votar em plebiscito pela proibição do comércio de armas.

viemos fazendo nos últimos 20 Anos, desde o fim da ditadura, mostra claramente que a insegurança acarreta a perda, de fato, dos direitos elementares que compõem a agenda dos direitos humanos. Isso significa que segurança é uma condição desses direitos, não se opondo, em seus princípios, a eles. É essencial para que os vários direitos individuais e coletivos possam ser exercidos. O que vivemos hoje em nosso país é o uso da força que, na maioria absoluta dos casos, aparece como ilegítima.

O típico trabalho policial que encontramos na sociedade só aparece quando alguma tragédia já aconteceu. E por isso a polícia está associada à tragédia. Ela aparece para reagir a alguma crise, algum

problema, alguma desordem. E acaba sendo uma reação que, na maior parte das vezes, não resolve problema algum.

O que está em jogo é recuperar um sentido de segurança que seja reconhecido e, portanto, legitimado, como um princípio viabilizador dos direitos e do desenvolvimento em sentido bem pleno. Isto implica não apenas aquele direito mínimo do exercício da liberdade individual, mas um sentido maior, de propiciador da superação de conflitos e contradições que são geradores de violência.

Por tudo isso e muito mais, portanto, no momento em que as autoridades estréiam novos mandatos, a segurança pública tem

- ❖ *Como eleitores, temos o hábito de acompanhar de perto e atentos o desempenho dos eleitos? Para apoiar, criticar, cobrar...*
- ❖ *A presença de cidadãos eleitores em sessões das Câmaras de Vereadores da cidade incentiva bons projetos e inibe desvios de comportamento. Existem ou poderiam ser formados grupos que se revezassem para garantir essa presença na Câmara da nossa cidade?*

Leia e assine **Rede**

- uma análise mensal da conjuntura política, econômica, social e eclesial, nacional e internacional.

Escrevem Andrea Paes Alberico, Beatriz Lorenzini, Frei Betto, Frei João Xerri, Guilherme Delgado, Helio e Selma Amorim, Jether Ramalho, João Whitaker Ferreira, Leonardo Boff, Lilia Azevedo, Marcelo Barros, Marco Antonio, Marieta Sampaio, Moema Miranda, Pastor Edson Almeida, Plínio Arruda Sampaio, Rubem Alves, Pe. Virgílio Uchoa.

Basta telefonar para a Rede de Cristãos das Classes Médias, dar nome e endereço e receber instruções sobre a forma mais cômoda de pagamento. Tel (0**24) 2242-6433

que estar acima dos programas de partidos e dos detalhes ideológicos. Tem que ser a prioridade número um daqueles que administram as cidades, onde os moradores têm direito a morar e viver de maneira humana.

O Evangelho tem certamente muito a dizer sobre isso, com sua mensagem de amor e perdão até as últimas conseqüências, seguindo o exemplo do próprio Jesus Cristo. Mas há que haver uma mobilização lúcida e esclarecida, a fim de que essa mensagem evangélica possa dar todos os frutos de que é capaz. O acompanhamento da fidelidade dos candidatos vitoriosos a suas promessas de campanha é parte fundamental desse processo.

**Teóloga leiga*

O sonho de Karina

Desde pequena Karina só tinha conhecido uma paixão: dançar e ser uma das principais bailarinas do Ballet Bolshoi. Seus pais haviam desistido de lhe exigir empenho em qualquer outra atividade. Os rapazes já haviam se resignado: o coração de Karina tinha lugar somente para o ballet. Tudo o mais era sacrificado pelo objetivo de um dia tornar-se bailarina do Bolshoi.

Um dia, Karina teve sua grande chance. Conseguiu uma audiência com o diretor Master do Bolshoi, que estava selecionando aspirantes para a companhia. Nesse dia, Karina dançou como se fosse seu último dia na terra. Colocou tudo o que sentia e que aprendera em cada movimento, como se uma vida inteira pudesse ser contada em um único passo.

Ao final, aproximou-se do renomado diretor e perguntou-lhe: "...então, o senhor acha que posso me tornar uma grande bailarina?" Na longa viagem de volta à sua aldeia, Karina, em meio às lágrimas, imaginou que nunca mais aquele "não" deixaria de soar em sua mente. Meses se passaram até que pudesse novamente calçar uma

sapatilha, ou fazer seu alongamento em frente ao espelho.

Dez anos mais tarde, Karina, já uma estimada professora de ballet, criou coragem de ir à performance anual do Bolshoi em sua região. Sentou-se bem à frente e notou que o senhor Davidovitch ainda era o diretor Master. Após o concerto, aproximou-se dele e contou-lhe o quanto ela queria ter sido bailarina do Bolshoi e quanto lhe doera, anos atrás, ter ouvido dele que ela não seria capaz disso. "Mas, minha filha... - disse o diretor - eu digo isso a todas as aspirantes."

Com o coração ainda aos saltos, Karina não pôde conter a revolta e a surpresa dizendo: "Como o senhor poderia cometer uma injustiça dessas? Eu poderia ter sido uma grande bailarina se não fosse o descaso com que o senhor me avaliou!"

Havia solidariedade e compreensão na voz do diretor, mas ele não hesitou ao responder: "perdoe-me, minha filha, mas você nunca poderia ter sido grande o suficiente, se foi capaz de abandonar o seu sonho pela opinião de outra pessoa."

SER DE ESQUERDA

EMIR SADER*

Desde que a palavra esquerda foi utilizada para designar uma corrente política, a esquerda esteve sempre vinculada à idéia de justiça social, de igualdade, de solidariedade, de liberdade e de democracia.

Múltiplas variantes - mais redutivas ou mais diluídas - buscaram dar conta do que significaria ser de esquerda, todas elas vinculadas ao projeto de construção de um outro tipo de sociedade. Assim a esquerda ganhou projeção na crítica e na rejeição do capitalismo, considerado responsável pela exploração, pela opressão e pela alienação. Por oposição, o socialismo assumiu sempre um caráter libertário, de luta por uma sociedade sem classes e sem Estado, sem dominação e sem exploração, em que os homens conquistassem a capacidade de ser donos do seu próprio destino.

O que significaria hoje ser de esquerda num país como o Brasil? A maior brutalidade que vivemos no nosso país é a desigualdade, já que somos sistematicamente eleitos e

reeleitos pela ONU como o país mais injusto do mundo, isto é, aquele em que os bens estão pior repartidos. Como o Brasil é a 11ª economia do mundo em termos de produto bruto, não se trata de carência absoluta de bens, mas de sua péssima distribuição. Por isso, as utopias de esquerda no Brasil de hoje têm que estar intimamente vinculadas à construção de uma sociedade justa, de universalização de direitos, em que o trabalho esteja assegurado para todos, em condições básicas de dignidade nas condições de trabalho e na remuneração, em que todos possam viver do seu trabalho e em que ninguém viva do trabalho alheio.

Três camadas sucessivas de formas de organização da sociedade produziram e reproduziram sucessivamente as desigualdades que se acumularam e persistem até hoje, reforçando-se umas às outras. A primeira vem da colonização do Brasil e do seu sustento no trabalho escravo durante séculos. Produziu-se a concentração da terra, a exclusão dos trabalhadores rurais do acesso às condições mínimas de sobrevivência, mesmo depois do término formal da escravidão. Resgatar os direitos básicos da

população rural significa portanto, antes de tudo, a realização de uma reforma agrária que abranja a totalidade do país. É parte integrante da utopia da igualdade no Brasil de hoje a extensão e consolidação dos direitos ao trabalho, à educação, à saúde, à habitação, à afirmação das identidades culturais das populações rurais do país.

A segunda camada de desigualdades foi produzida pela forma como se deu a industrialização, como a produção basicamente voltada para a exportação e para o consumo suculento, às expensas das necessidades básicas do conjunto da população. Um mercado concentrado demanda bens de luxo e a produção, por sua vez, se volta para quem dispõe de capacidade de consumo. Gerou-se assim um círculo vicioso que alimenta a concentração de renda e a exclusão da maioria da população dos bens indispensáveis a seu bem estar. Lutar pela igualdade significa, neste caso, lutar pela democratização da produção, da comercialização e do consumo.

Mais recentemente somaram-se as desigualdades produzidas pela financeirização da economia, fundada nas taxas de juros reais mais altas do mundo. O Estado viu deteriorar-se a sua prestação de serviços para a massa da população, enquanto os recursos básicos arrecadados pelos governos

foram drenados para a esfera financeira, o capital produtivo migrava para a especulação, a massa dos trabalhadores e das pequenas e médias empresas se endividava. Este processo se estendeu e se aprofundou de tal forma que definir-se de esquerda - um governo, um partido, uma pessoa - é antes de tudo lutar contra a hegemonia do capital financeiro sobre a economia e todos os seus efeitos perversos sobre o conjunto da sociedade brasileira. É lutar pelo triunfo do mundo da produção e do trabalho sobre o mundo da especulação.

A utopia da igualdade passa, hoje, portanto, em primeiro lugar, pela luta contra as raízes dos privilégios: a propriedade improdutiva no campo, as grandes corporações industriais e comerciais voltadas privilegiadamente para a exportação e o consumo das elites, e o capital especulativo. A construção de um Brasil justo e solidário começa por aí.

*Cientista político, jornalista

TV atrevida

A ousadia de alguns programas de televisão ao mostrar violência, nudez, atos sexuais ou eróticos, sangue, e cenas chocantes de maneira sensacionalista pode dar mais audiência para aquele canal, mas não lhe dá credibilidade nem cidadania.

Atrevido seria o lixeiro que, ao invés de recolher o lixo e leva-lo para o lugar adequado, saísse jogando aquelas sujeiras de casa em casa.

O fato de dirigir o caminhão que recolhe o lixo não dá ao motorista o direito de jogar-lo em todas as casas. Pior ainda, se tendo tido concessão da prefeitura para fazer carretos de móveis, alimentos, objetos a serviço da comunidade apenas decidisse carregar entulho e jogar-lo em lugares inadequados.

Pe. Zezinho, scj

Teria feito a escolha de sujar e emporcalhar a cidade.

A televisão existe por concessão da Nação que é mais do que o Governo. Este a administra num determinado momento. A Nação permanece. Por isso nenhum governante tem o direito de permitir que irresponsáveis, em nome do lucro sem ética, usem a televisão para achincalhar instituições mais importantes do que ela.

A família, por exemplo, e a educação das crianças são mais importantes do que o riso do telespectador ante aquelas pegadinhas e brincadeiras de mau gosto que se vê na televisão de agora.

Mundo afora há muita tevê-lixo, mas alguns de nossos programas, se não superam, ao menos empatam com elas. Quem diz que temos televisão de alto nível não deve ter ligado todos os canais ao menos para ver o que andam nos impingindo.

Incentivar ataques e violência diante das câmeras, permitir palavrão e cenas de ódio explícito, mostrar em todas as casas o que se mostra apenas nas chamadas casas de tolerância, sob o pretexto de que a Constituição garante esta liberdade, é brincar com as nossas leis, porque a Constituição também deixa claro que, se a comunidade precisa respeitar as minorias, as minorias também precisam respeitar a maioria.

A moral da família é um direito adquirido pela prática de muitos anos. Um programa que começou há três ou cinco anos e é comandado por uma minoria debochada não tem o direito de jogar na cabeça do povo cenas de vingança, ódio e revanche, sob os aplausos do auditório. Nos circos romanos também havia isso. Aplaudia-se a humilhação e a

morte dos escravos. Alguém ousa dizer que aquilo era certo?

Há coisas boas na televisão. Valorizemos o que é bom. Protestemos contra os lixeiros que jogam o lixo nas portas de nossas casas. Façamos isso até que as autoridades entendam que a liberdade tem limite.

Democracia não é permitir tudo. Se é proibido fazer coquetéis molotov e vender droga, que seja proibido mostrar determinadas cenas na televisão. Algumas delas fazem tanto mal quanto a maconha e a cocaína...

ÁLCOOL E DROGAS: EM CASO DE NECESSIDADE, BUSQUE AJUDA GRATUITA DOS GRUPOS ANÔNIMOS NA INTERNET

AL-ANON: A ajuda dos familiares do alcoólico

--- <http://www.al-anon.org.br>

DEPRESSÃO: A ajuda dos neuróticos anônimos

--- <http://www.neuroticosanonimos.org.br>

ÁLCOOL: A ajuda dos alcoólicos anônimos

--- <http://www.alcoolicosanonimos.org.br>

DROGAS: A ajuda dos narcóticos anônimos

--- <http://www.na.org.br>

Num estudo lúcido e corajoso, Samuel Pinheiro Guimarães* denuncia o modelo educacional e a televisão brasileira.

Instrumento idiotizante

Equipe de Redação

Os valores transmitidos pelo sistema educacional são a produção de bens materiais, o consumo individual, tomando o ser humano como uma unidade de trabalho e não como cidadão político solidário, digno de uma vida espiritual superior.

Os programas da televisão brasileira são denunciados como degradantes e idiotizantes, prejudicando aquela vida espiritual superior.

Lamenta que a TV consuma 80% do tempo livre do cidadão comum. Os governos não têm levado em conta o poder desse instrumento como veículo de influência extraordinária sobre a sociedade e seu imaginário.

Considera que a permissão dada à participação estrangeira no capital das empresas de comunicação, portanto das redes de televisão, piorou a situação.

A programação desses canais mais potentes é um permanente e difuso

processo de transmissão de um imaginário estrangeiro, estímulo ao consumismo desenfreado, ao individualismo, à violência, à banalidade e ao culto do corpo.

É preciso reconstruir a escola como veículo de transmissão de valores culturais brasileiros e estimular a TV e meios de comunicação de massa a diversificar a sua programação de modo a ampliar a contribuição mais diversificada das influências culturais brasileiras e também estrangeiras, mas estas não limitadas, como atualmente, às da cultura norte-americana.

Propõe várias medidas de apoio à produção cultural nacional e a obrigatoriedade de sua transmissão pelos meios de comunicação comerciais, lembrando que os canais de televisão são concessões de serviço público, cujas finalidades são necessariamente educativas, culturais, de promoção dos valores familiares e sociais como expressamente estabelecidas na Constituição do país.

Estas finalidades dos meios de comunicação são obviamente desrespeitadas na maior parte da programação dos canais de TV. A criação da Agência Nacional de Cinema e Audiovisual terá a obrigação de corrigir esse generalizado desvio ético e legal, mas é bombardeada pelo poderoso lobby dessa indústria.

Cabe aos organismos sociais e eclesiais apoiar essa iniciativa corajosa do governo para contrabalançar o poderio dos que manipulam a consciência do povo segundo seus interesses econômicos e comerciais, sem compromisso com o desenvolvimento psíquico,

educacional e social equilibrado de seu público.

A iniciativa é taxada de intromissão na criação artística e cultural, limitadora da liberdade de expressão. São usados esses chavões clássicos, para garantir que o "Homem-Aranha", o "Shrek" e outras idiotices altamente lucrativas dominem o circuito dos cinemas, engordando suas bilheterias.

Enquanto os violentos desenhos animados infantis e a exaltação do voyerismo do Big Brother se encarregarão de estupidificar a audiência da TV.

*Secretário-Executivo do Ministério de Relações Exteriores.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL

Art. 221. A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios:

- I. preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;
- II. promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive a sua divulgação;
- III. regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;
- IV. respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.

♦ Cada cidadão, cada família tem o direito de se manifestar contra a baixa qualidade de certos programas de rádio e TV que contrariam os princípios definidos na Constituição brasileira. O que se pode fazer? Cartas aos jornais e emissoras? Coleta de assinaturas em manifestos? Mobilização de parlamentares da região? Campanhas educativas? Nas escolas, nas igrejas?

"Preocupe-se mais com sua consciência do que com sua reputação. Porque sua consciência é o que você é. Sua reputação é o que os outros pensam de você. E o que os outros pensam, é problema deles". (Rubem Alves)

O Dr. Arun Gandhi, neto de Mahatma Gandhi, em palestra na Universidade de Porto Rico, contou a seguinte episódio real como exemplo da vida sem violência exemplificada por seus pais.

A mentira

"Eu tinha 16 anos e estava vivendo com meus pais no instituto que meu avô havia fundado, a 18 milhas da cidade de Durban, na África do Sul, em meio a plantações de cana de açúcar. Estávamos bem no interior do país e não tínhamos vizinhos. Assim, sempre nos entusiasmava, às duas irmãs e a mim, poder ir à cidade visitar amigos ou ir ao cinema. Certo dia, meu pai me pediu que o levasse à cidade para assistir a uma conferência que duraria o dia inteiro, e eu me apressei de imediato diante da oportunidade. Como iria à cidade, minha mãe deu-me uma lista de coisas que precisava do supermercado. Como iria passar todo o dia na cidade, meu pai me pediu que me encarregasse de algumas tarefas pendentes, como levar o carro à oficina.

Quando me despedi de meu pai, ele me disse: 'Nós nos encontraremos neste lugar às 5 horas da tarde e retornaremos à casa juntos. Após, muito rapidamente, completar todas as tarefas, fui ao cinema mais próximo. Estava tão concentrado no filme, um filme duplo de John Wayne, que me esqueci do tempo. Eram 5:30 horas da tarde, quando

me lembrei. Corri à oficina, peguei o carro e corri até onde meu pai estava me esperando. Já eram quase 6 horas da tarde. Ele me perguntou com ansiedade: 'Por que chegaste tarde?' Eu me sentia mal com o fato e não lhe podia dizer que estava assistindo um filme de John Wayne. Então, eu lhe disse que o carro não estava pronto e que tive que esperar... disse isto sem saber que meu pai já havia ligado para a oficina. Quando ele se deu conta de que eu havia mentido, disse-me: 'Algo não anda bem, na maneira pela qual te tenho educado, que não te tem proporcionado confiança em dizer-me a verdade. Vou refletir sobre o que fiz de errado contigo. Vou caminhar as 18 milhas até em casa e pensar sobre isto.' Assim, vestido com seu traje e seus sapatos elegantes, começou a caminhar até a casa, por estradas que não estavam asfaltadas nem iluminadas. Não podia deixá-lo só. Assim, dirigi por 5 horas e meia atrás dele... vendo meu pai sofrer a agonia de uma mentira estúpida que eu havia dito. Decidi, desde aquele momento, que nunca mais iria mentir. Muitas vezes me recordo desse episódio e penso... Se ele me tivesse castigado do modo que castigamos nossos filhos... teria eu aprendido a lição? Não acredito... Se tivesse sofrido o castigo, continuaria fazendo o mesmo... Mas, tal ação de não-violência foi tão forte que tenho impressa na memória como se fosse ontem... Este é o poder da vida sem violência."



MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO

EDITORIA & PUBLICAÇÕES

Assinaturas e Expedição de Fato e Razão - Atendimento aos assinantes, assinaturas novas e renovações, números anteriores

Distribuidora Fato e Razão

Pedro e Celina Garcia - Coordenadores

Rua São João, 25 Sobre-Loja - CEP 24020-040 Niterói - RJ

Tel/Fax: (21) 2629-7163 - E-mail: fatorazao@primyl.com.br

Venda de Livros, Revistas e Temários do MFC, pedidos e encomendas para remessa postal

Livraria do MFC

Rua Barão de Santa Helena, 68 Granbery

CEP 36010-520 Juiz de Fora - MG

Tel.: (32) 3214-2952 - E-mail: livraria.mfc@acessa.com

Publicações disponíveis na Livraria MFC

Temários de Reuniões

Ponto de Partida

Um passo adiante

Pés na Terra

Fato e Razão

Números anteriores

Livros

Amor e Casamento

O Assunto é Casamento

Descomplicando a Fé

Eis o MFC

Cuidado Frágil

Colaborações e cartas de leitores

Equipe de Redação de Fato e Razão

R. Des. Saul Gusmão 80 - VIII - CEP 22641-280 Rio de Janeiro - RJ

E-mail: amorim@ibpinet.com.br